

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANA VIRGINIA BITENCOURT PANERAI

***NOSSAS MÃOS SERVEM PARA FAZER OUTRO TIPO DE COISA QUE É ARTE -
INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA E AS ESCRITURAS NEGRAS
FEMININAS NO SUL DO BRASIL***

Uruguiana

2018

ANA VIRGINIA BITTENCOURT PANERAI

***NOSSAS MÃOS SERVEM PARA FAZER OUTRO TIPO DE COISA
QUE É ARTE - INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA E
AS ESCRITURAS NEGRAS FEMININAS NO SUL DO BRASIL***

Trabalho de conclusão do curso de
Especialização em História e Cultura
africana, afro-brasileira e indígena.

Especializanda: Ana Virginia Bitencourt
Panerai

Orientação: Profa Dra. Alinne de Lima
Bonetti

**Uruguaiana
2018**

Paneraí, Ana Virginia Bitencourt.

NOSSAS MÃOS SERVEM PARA FAZER OUTRO TIPO DE COISA QUE É ARTE - INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA E AS ESCRITURAS NEGRAS FEMININAS NO SUL DO BRASIL. Ana Virginia Bitencourt Paneraí

74 páginas. 3 ilustrações.

Trabalho de conclusão do curso de especialização. Universidade Federal do Pampa, 23 de Outubro de 2018. Orientação: Alinne de Lima Bonetti.

1.Literatura gaúcha. 2. Poesia. 3. Gênero e raça. I. Bonetti, Alinne de Lima Dra.

ANA VIRGINIA BITENCOURT PANERAI
NOSSAS MÃOS SERVEM PARA FAZER OUTRO TIPO DE COISA QUE É
ARTE - INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA E AS ESCRITURAS
NEGRAS FEMININAS NO SUL DO BRASIL

**Monografia apresentada à
Especialização em História e
cultura africana afro –brasileira e
indígena da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de
Especialista.**

Monografia defendida e aprovada em: dia de mês de ano.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti

Orientadora

**Especialização em História e Cultura Africana Afro-brasileira e Indígena –
Unipampa**

Profa. Mestra Laís Mendes Botelho das Neves

**Especialização em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena –
Unipampa (colaboradora)/SED-RS**

Profa. Especialista Stael Soraya dos Santos da Rosa – SED-RS

RESUMO

As mulheres negras estão marcadas em nossa sociedade por processos de racialização estruturantes. A elas são designados os papéis de subalternidade, objetificação, desumanização e animalização. (GONZALES, 1988). Considerando que a literatura tem sido uma importante ferramenta das mulheres que, socialmente silenciadas, revelam as opressões e suas resistências em suas obras, levando-se em consideração a experiência de mulheres negras que estão expostas duplamente a discriminações (de raça e de gênero), esta pesquisa delineou-se a partir do questionamento sobre quem são as escritoras negras gaúchas e de como as “interseccionalidades” (BRAH, 2006) entre as convenções de gênero e de raça atravessam suas obras. Desta forma, o universo de investigação se configurou em torno da produção artística de três poetisas negras gaúchas, analisadas como expressão de suas “escrevivências” (EVARISTO, 2016). Como método de pesquisa, foi realizada a análise das obras de três poetisas negras gaúchas, bem como observações participantes, registradas em diários de campo, do universo em que elas circulam e em que seus trabalhos são apreciados e divulgados bem como a realização de entrevistas semiestruturadas (VICTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000) com as interlocutoras de pesquisa. A análise dos poemas beneficiou-se do conceito de “ponto de vista coletivo” de Patrícia Hill Collins (2012) bem como utilizou a trajetória de Lélia Gonzales como recurso heurístico para esta empreitada, de maneira a reverberar as experiências particulares das singulares biografias e as recorrências partilhadas oriundas da vivência da articulação do racismo e do sexismo vigentes em nossa sociedade. Assim, a contribuição desta pesquisa está em oferecer uma análise sobre os processos de racialização das mulheres. As obras destas autoras estão impregnadas de uma escrevivência de mulheres negras que trazem uma voz coletiva como reivindicação artística, resistindo, enfrentamento e desconstruindo estereótipos através da arte e, sobretudo, borrando a iconografia relativa às mulheres negras instituídas na literatura.

Palavras-chave: literatura gaúcha; poesia; gênero e raça.

ABSTRACT

Black women are marked in our society by structuring processes of racialization. The roles of subalternity, objectification, dehumanization and animalization are ascribed to them. (GONZALES, 1988). Considering that literature has been an important tool of women who, socially silenced, reveal the oppressions and their resistances in their Works and taking into account the experience of black women who are doubly exposed to discrimination (race and gender), this research was based on the questioning of black women writers in Rio Grande do Sul and how the intersectionalities (BRAH, 2006) between the conventions of gender and race cross their works. In this way, the universe of research was set up around the artistic production of three black Gaucho women poets, it's been analyzed as an expression of their *escrevivências* (EVARISTO, 2016). As a research method, the works of three black Gaucho women poets were analyzed as well as participant observations, recorded in field diaries, of the universe in which these women circulate and in which their works are appreciated and divulged, as well as interviews (VICTORA, KNAUTH and HASSEN, 2000) with the research interlocutors. The analysis of the poems has been benefited with the concept of the "collective point of view" of Patricia Hill Collins (2012), as well as used the trajectory of Lélia Gonzales as a heuristic resource for this work, in order to reverberate the particular experiences of the singular biographies and the shared recurrences arising from the experience of the articulation of racism and sexism in our society. Thus, the contribution of this research is to offer an analysis on the processes of racialization of women. The works of these authors are impregnated with a "escrevivência" of black women who bring a collective voice as artistic claiming, resisting, confronting and deconstructing stereotypes through art and, above all, blurring the iconography related to black women instituted in literature.

Key-words: Gaucho literature; poetry; gender and race

AGRADECIMENTOS

O encerramento deste curso para mim é muito importante e queria aqui agradecer aqueles que de certa forma estiveram envolvidos neste percurso.

Tenho muito a agradecer aos professores do curso de pós-graduação em História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, por terem proporcionado o outro olhar necessário para a educação e para o mundo.

Tenho muito a agradecer também à professora e orientadora Alinne de Lima Bonetti, por ter pego minha mão nesta caminhada, cobrando nas horas certas e elogiando quando merecido.

Este agradecimento se estende a todos os professores desta especialização em especial à professora Marta Messias e ao professor Paulo Roberto Silveira, que sempre se mostraram incansáveis para a realização e conclusão deste curso.

Agradeço a cada um dos colegas e a cada uma das colegas de aula que puderam contribuir para a construção do conhecimento que hoje possuo e que se abre para novas experiências: Carlinhos Knierim; Cristiane Barbosa Soares; Augusto Juvenal Correa Fidelis; Diego de Matos Noronha; Rosangela Patrícia da Conceição Gomes; Tatiane Motta da Costa e Silva; Judith Ovidia Giménez López; Rafael Coutinho Paulo; Norma Soares Flores de Almeida.

Agradeço à minha amiga Flávia Cristina Knebel, que me foi a grande incentivadora para a graduação e a pós-graduação, que acompanhou meu crescimento nesta jornada e que certamente estará ao meu lado na próxima.

Ao incansável companheiro Juliano Moraes Falcão, que sempre me apoiou, e à minha filha Isadora Falcão com seus muitos porquês.

Sem minhas interlocutoras e interlocutores, não seria possível a realização desta pesquisa e tenho muito a agradecer a recepção de Ana dos Santos, Lilian Rose Rocha e Eliane Marques. Ao instrumentista Vladimir Rodrigues, um dos fundadores do coletivo poético Sopapo Poético, e ao lutador Oscar Henrique Marques Cardoso, organizador do Encontro dos Escritores Negros do Rio Grande do Sul agradeço a interlocução.

E fiquem certos e certas que a pesquisa aqui apresentada só foi possível através do contato com estas importantes pessoas e a construção destes afetos.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(Conceição Evaristo – Em memória de
Beatriz Nascimento)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lilian Rose Rocha.....	36
Figura 2: Ana dos Santos.....	38
Figura 3: Eliane Marques	41

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Capítulo I: Em busca das escritoras negras gaúchas: a construção desta investigação	14
2.2	O lugar das mulheres negras e a literatura	18
2.3	Questões teórico-conceituais: raça, gênero e suas interseccionalidades.....	21
3	CAPÍTULO II: Literatura afro-brasileira, negro-brasileira ou guetização? Reflexões com as poetisas negras gaúchas.....	27
3.1	A literatura afro-brasileira	29
3.2	A literatura negro-brasileira.....	30
3.3	Para além da guetização: escrevivências e um ponto de vista coletivo	33
3.4	As três poetisas e suas experiências: interseccionalidade de gênero e raça e um ponto de vista coletivo	35
3.5	Das experiências partilhadas: o contexto gaúcho de produção e divulgação das obras	44
4	Capítulo III: Do ponto de vista coletivo, as escrevivências de Lélías, Lilicas, Anas e Elianes.....	50
5	Considerações finais	67
	Referências	70

1 Introdução

As mulheres negras estão marcadas em nossa sociedade por processos de racialização estruturantes. A elas são designados os papéis de subalternidade, objetificação, desumanização e animalização. (GONZALES, 1988).

O Brasil, diferente de outros países que exploraram os países africanos no comércio de escravos, não criou sistemas explícitos e/ou legais de segregação racial. Esta particularidade deu origem ao mito da democracia racial, que disseminou a falsa ideia de que no Brasil não há racismo. Esta concepção ganhou notoriedade com a obra de Gilberto Freyre (2010), *Casa Grande & Senzala*. Esta obra, por sua vez, só fez reiterar a fixidez do lugar do povo negro na sociedade brasileira. É a partir da problematização desta configuração social que analisarei a produção artística de três mulheres negras como expressão de suas escrituradas (Evaristo, 2016), a escrita que nasce da experiência de vida das mulheres negras. Desta forma, a pesquisa aqui apresentada visou problematizar as convenções de gênero presentes em sua experiência.

Esta pesquisa se deu no âmbito das investigações, estudos e debates do Grupo de Pesquisa Tuna – Gênero, Educação e Diferença da Unipampa, campus Uruguaiana e teve início com o questionamento sobre quem são as escritoras negras gaúchas. Foi por meio desta pergunta que cheguei até a reportagem da jornalista Priscila Pasko, “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas”¹. Assim, foi possível conhecer estas poetisas e seus universos.

Apesar da palavra poeta estar dicionarizada como um substantivo de dois gêneros (masculino e feminino), notamos que na edição recente do dicionário Houssais da Língua Portuguesa ela vem acompanhada já do gênero masculino *escritor* que compõe poesias (HOUSSAIS, 2005). O que aponta para o caráter masculinizante de nossa língua, que torna sempre prioritário, por mais que se diga que o substantivo tenha dois gêneros, o masculino à frente. Este trabalho optou, portanto, em usar a palavra poetisa para que assim pudesse marcar a questão lingüística de gênero.

Esta pesquisa, portanto, focou nas escrituras de três poetisas que vivem na capital gaúcha, onde criam, trabalham e participam de eventos culturais para a divulgação de suas obras. São elas Ana dos Santos, Eliane Marques e Lilian Rocha. A

¹ Publicado no blog Nonada, no dia 06 de Março <http://www.nonada.com.br/2017/03/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas/>. Tal reflexão será aprofundada mais adiante.

escolha pela utilização da palavra escritura na caracterização do objeto desta investigação, longe de querer emprestar qualquer conotação sagrada, antes quer destacar a particularidade de uma produção literária e de uma escrita atravessada pela articulação das convenções de gênero e de relações raciais constitutivas das trajetórias e experiências de vida das autoras que são as principais interlocutoras desta pesquisa.

Por que o estudo dos escritos literários para problematizar as conexões entre racismo e sexismo em nossa sociedade? Jarbas Vargas Nascimento e Ramon Silva Chaves apontam que:

A literatura, por exemplo, estabelece-se na sociedade como uma forma de manifestação da linguagem, promove intercâmbio social entre comunidades, entre pessoas de diferentes épocas e cria uma rede de informação e um espaço de interação entre os homens de lugares distintos e que são regidos por diferentes sistemas de regras. (NASCIMENTO, CHAVES, 2014, p.356)

A ciência literária se funda por diversos atores e instituições: escritores, leitores, livreiros, editores, elementos que transpõem as obras literárias para além de seu tempo e espaço de partida. Portanto, a obra literária é um “artefato histórico de alto potencial representativo de um ponto espacial e temporal de como o homem tratou a própria experiência em suas mútuas relações” (NASCIMENTO, CHAVES, 2014, p.356).

Luís Cuti, membro fundador do grupo literário Quilombhoje, também revela a importância da literatura para a construção social: “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p.07). E continua:

A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face das novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica literária se furtam à ação do tempo e, portanto, de alterações a elas atinentes. (CUTI, 2010, p.07)

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em três capítulos e uma conclusão, além desta breve introdução. No capítulo I, intitulado **Em busca das escritoras negras gaúchas: a construção desta investigação**, apresento a construção

do objeto desta investigação, bem como as questões metodológicas e as principais referências teóricas que sustentam esta análise. Entre as principais referências que estruturam esta produção estão Luís Cuti (2010), com seu conceito de literatura negro-brasileira; Conceição Evaristo (2013), por meio do seu conceito de escrevivência; bell hooks² (1995), com suas reflexões sobre papéis destinados à mulher negra e o trabalho intelectual da mulher negra; Avtar Brah (2006), por meio de sua concepção de interseccionalidade; Sandra Azeredo (1994), por meio de seus conceitos de raça e gênero; Lélia Gonzales (1984), com seu Racismo e sexismo na sociedade brasileira e Patrícia Hill Collins (2012) com seu conceito de ponto de vista coletivo.

No capítulo dois, **Literatura afro-brasileira, negro-brasileira ou guetização? Reflexões com as poetisas negras gaúchas**, busco evidenciar a existência da literatura afro-brasileira (DUARTE, 2008) ou negro-brasileira (CUTI, 2010). Tal literatura partiu da necessidade de afirmação do sujeito negro para a ressignificação dos discursos literários que ainda afirmam o estereótipo da negritude a partir de uma perspectiva eurocentrada, bem como a invisibilidade da autoria negra. Além disto, problematizo a localização das escritoras negras neste contexto e, provocada pelas reflexões das minhas interlocutoras, procuro discutir os riscos de guetização deste campo. Para tanto, traço o perfil biográfico das interlocutoras desta pesquisa para visar as peculiaridades de suas vidas e obras. Mulheres com formações profissionais distintas, com histórias de vida diferentes e que, na construção de suas obras, revelam as escrevivências das mulheres negras.

No capítulo três, intitulado **Do ponto de vista coletivo, as escrevivências de Lílias, Lilicas, Anas e Elianes**, procuro analisar os poemas das minhas interlocutoras a partir dos atravessamentos das convenções de gênero e de relações raciais vigentes em nossa sociedade; utilizo o conceito de “ponto de vista coletivo” de Patrícia Hill Collins (2012) bem como a trajetória de Lélia Gonzales como recurso heurístico para esta empreitada. Com intuito de homenagear a antropóloga e ativista do movimento feminista e do movimento negro Lélia Gonzales, sua biografia serviu como um percurso analítico de maneira a reverberar as experiências particulares das singulares biografias e as recorrências partilhadas oriundas da vivência da articulação do racismo e do sexismo vigentes em nossa sociedade.

² Cabe destacar que por exigência da própria escritora, o seu nome e sobrenome devem ser grafados em letras minúsculas, contrariamente à regra onomástica. Trata-se de um posicionamento político, segundo o qual a autora busca demonstrar que o que importa são as ideias e não as pessoas, os nomes e o renome.

Assim, a contribuição desta pesquisa está em oferecer uma análise sobre os processos de racialização das mulheres. As obras destas autoras estão impregnadas de uma escrevivência de mulheres negras que trazem uma voz coletiva como reivindicação artística, resistindo, enfrentamento e desconstruindo estereótipos através da arte. Assim, como Conceição Evaristo propõe, é preciso se fazer um exercício consciente de escrita, tendo as mulheres negras como centro de cena, borrando a iconografia relativa às mulheres negras instituídas na literatura.

Por fim, gostaria de explicitar as convenções adotadas na escrita e formatação deste trabalho. Ao referir a estas autoras bem como o espaço geográfico a qual elas pertencem ocuparei dois termos: o de literatura ou poesia gaúcha ou rio grandense, sendo não haver aqui, diferença entre uma ou outra. O uso do itálico reservei para as falas, expressões, descrições e situações oriundas do campo de pesquisa, registradas em meus diários de campo, bem como para demarcar palavras estrangeiras como recomendam as normas da língua portuguesa. Ainda segundo tais normas, as aspas duplas foram utilizadas para as citações bibliográficas. A estrutura dos poemas apresentados neste trabalho foi mantida tal como apresentadas originalmente de maneira a respeitar as características e estéticas utilizadas pelas poetisas.

2 Capítulo I: Em busca das escritoras negras gaúchas: a construção desta investigação

Como referido acima, o estímulo em realizar esta pesquisa surgiu da provocação feita pela jornalista Priscila Pasko em sua matéria “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas? ”, publicada no blog de jornalismo cultural independente *Nonada – Jornalismo Travessia*, com a qual tive contato em meio ao curso de especialização, para o qual planejava realizar uma pesquisa sobre o negro na literatura gaúcha. No levantamento feito pela reportagem, foram identificadas mais de 15 escritoras negras gaúchas que tiveram seus trabalhos publicados, entre o gênero prosa e poesia, de forma independente ou em antologias.

Na matéria havia ainda um dado que chamou atenção: a inexistência de pesquisas sobre o tema. Do contato com 18 universidades solicitando a indicação de pesquisas sobre autoria feminina negra gaúcha, a jornalista conseguiu apenas uma indicação. A especialista em Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul apontou dificuldade em catalogar estas escritoras devido à falta de condições que elas enfrentam para a publicar sua produção. Segundo a especialista ouvida na reportagem, a falta de financiamento faz com que muitas autoras negras coloquem seu material à disposição em blogs pessoais ou naqueles que pertencem aos movimentos negros. (PASKO, 2017).

Mobilizada pela questão colocada pela matéria, fui à busca de pesquisas sobre o tema no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Neste banco de dados notei que usando a filtragem poesia e literatura chega-se a um total de 97.446 pesquisas produzidas. Contudo, ao filtrar a busca pelos critérios de poesia, escritoras, negras, rio-grandenses, 957.191 produções são encontradas; porém ao analisar os trabalhos encontrados nessa busca notei que se tratam de: poetas homens brancos ou de mulheres poetisas brancas; ou, ainda, de literatura geral. No contexto geral, raras são as dissertações e teses sobre mulheres negras poetas e nenhuma tratando de poetas negras rio-grandenses. Ao direcionar a busca para poetisas negras gaúchas, 2526 trabalhos apareceram, nenhum deles, em uma breve leitura dos títulos e resumos, diz respeito às escritoras negras do Rio Grande do Sul.

Os nomes que com frequência aparecem são da mineira Conceição Evaristo e da paulista Maria Carolina de Jesus, cujas produções são marcadas pelas questões raciais e de gênero, que emergem das suas vivências frente ao racismo e ao sexismo, estruturantes da sociedade brasileira (GONZALES,1988). Assim como estas autoras negras brasileiras, que trazem para literatura a sua resistência enquanto povo e enquanto mulher, as escritoras negras rio-grandenses também o fazem e são, ainda, pouco conhecidas.

Assim, considerando que a literatura tem sido uma importante ferramenta destas mulheres que, socialmente silenciadas, revelam as opressões e suas resistências em suas obras e levando-se em consideração a experiência de mulheres negras que estão expostas duplamente a discriminações (de raça e de gênero), esta pesquisa delineou-se. O interesse em torno desta proposta de investigação se dá justamente em buscar conhecer mais profundamente este universo de escritoras negras gaúchas.

E por que poesia? A escolha deste gênero literário como o critério definidor do universo de análise desta pesquisa deu-se porque:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola, une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. (PAZ, 1985, p.15).

Tendo-se em vista este cenário, algumas questões orientaram esta investigação: qual a experiência das mulheres negras gaúchas dentro deste contexto marcado pelo racismo? De que forma tais questões, oriunda das articulações entre as convenções de gênero³ e de relações raciais constitutivas da cultura gaúcha, emergem na poesia de

³ Convenções de gênero podem ser compreendidas como “conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo, reproduzem e recriam estas mesmas convenções e as suas práticas o conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo, reproduzem e recriam estas mesmas convenções e as suas práticas. No mundo ocidental, tais convenções são informadas pela matriz falocêntrica, a centralidade do masculino como parâmetro positivo do qual se origina a assimetria de gênero, e pela “matriz heterossexual compulsória” (BONETTI, 2011, *on line*).

escritoras negras gaúchas? Como tais questões estão presentes em suas trajetórias de vida? E de que maneira elas refletem em suas criações literárias?

Assim, esta proposta de pesquisa se colocou como objeto de investigação a relação entre a articulação do racismo e do sexismo vigentes no contexto gaúcho e a obra de poetisas negras gaúchas. Entendo que o universo desta pesquisa se revela um recorte com grande potencial para problematizarmos a forma como atuam as convenções raciais e de gênero constitutivas da nossa configuração social e, além disto, dar visibilidade para a presença vicejante da produção literária e poética destas escritoras.

As interlocutoras desta pesquisa, cujas obras e trajetórias analisarei aqui são: Ana dos Santos, Eliane Marques e Lilian Rose Rocha. Todas atuantes em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Assim, ao focar nas escrituras destas poetisas negras gaúchas, esta pesquisa objetiva analisar – a despeito das diferenças de estruturas de seus textos - a existência de recorrências que fazem parte da temática de suas obras que – como se verá – emergem da experiência vivida e da partilha de situações e contexto comuns.

Pesquisar o universo das poetisas negras do Rio Grande do Sul não foi um processo fácil. O centro de referência cultural do Rio Grande do Sul ainda é a capital do estado, que promove suas poetisas e seus poetas por meio de saraus literários, encontro de escritoras e escritores e batalhas de poesias. Tornou-se necessário, para maior complexificação da análise, além de estudar suas obras publicadas ou divulgadas em blogs e mídias sociais, conhecer o universo em que estas poetisas circulam e que seus trabalhos são apreciados e divulgados.

Para tanto participei de três eventos importantes em que estas escritoras estiveram presentes: III Encontro dos escritores negros do Rio Grande do Sul (realizado no âmbito da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre), no dia quatro de novembro de 2017; Sarau Sopapo Poético - Mulher negra na poesia, realizado em Porto Alegre, no dia sete de março de 2018 e Festipoa Literária 2018 realizada em Porto Alegre no dia dois de maio de 2018, em que a homenageada foi a escritora Conceição Evaristo. Foi neste último evento que tive a oportunidade de melhor conhecê-las e realizar entrevistas semiestruturadas (VICTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000) com cada uma delas, que serviram para elucidar questões em torno da sua trajetória de vida e das suas poesias, que a análise das suas obras suscitou.

Todo este acompanhamento foi registrado em um diário de campo que me ajudou a formular melhor o material aqui apresentado. A possibilidade de observar suas ativas participações nestes eventos contribuiu para a identificação dos marcadores de gênero e de raça em suas obras. A leitura de poemas destas escritoras retrata como as mesmas constroem significados por meio de sua arte escrita, para tanto, a análise destes poemas foi fundamental.

Esta análise levou em consideração as obras: *Negra Soul* de Lilian Rose Rocha, a antologia poética do sarau Sopapo Poético *Prete essencia*⁴ e a obra *E se alguém o pano* de Eliane Marques. Além dos livros, foram analisados poemas publicados de forma digital em blogs, sites, saraus e redes sociais. Para contemplar a categoria pesquisada, escolhi poemas que se relacionavam com as questões de raça e gênero, temas que são recorrentes nas obras destas autoras. Apesar de o grande público que consome literatura não ter conhecimento de sua obra, estas autoras estão sempre a serviço da arte e da cultura na divulgação de seus trabalhos em diversos eventos literários de Porto Alegre.

2.2 O lugar das mulheres negras e a literatura

Permitam-me uma pequena digressão. Passarei a contar uma experiência que considero significativa sobre minha busca por um livro de Conceição Evaristo, no período da 63ª Feira do Livro, em que estive coletando dados para esta pesquisa. A busca começou numa conhecida livraria localizada dentro de um shopping da capital. Apesar dos atendentes serem atenciosos e educados, nenhum deles conhecia Conceição Evaristo, somente após uma procura no sistema de vendas da livraria é que constatavam que só seria possível a compra por encomenda. Depois da busca na conhecida livraria ter sido frustrada, recorri a alguns sebos (locais de venda de livros usados) no centro da capital. Foram visitados cinco sebos diferentes e as respostas eram repetitivas: além de não conhecerem Conceição Evaristo, perguntavam se tinha certeza se este era o nome da autora ou então pediam o nome da obra que eu estava à procura. Sem sucesso, segui para a Praça da Alfândega, onde se realizava a Feira do Livro de Porto Alegre. Busquei

⁴ O livro *Prete essencia* é uma antologia do coletivo Sopapo Poético. Este coletivo reuni atualmente na cidade de Porto Alegre vários poetas negros rio-grandense incluindo um número expressivo de mulheres negras que produzem poesia. Lançado em 2016 pela editora Libretos. *Prete essencia* conta com nove poetisas negras entre elas estão as duas interlocutoras desta pesquisa Ana dos Santos e Lilian Rose Rocha. Sobre o coletivo Sopapo Poético falaremos mais adiante.

pelo livro em inúmeras bancas e seguiam sem conhecê-la: *tem certeza que é este nome? Sabe o nome da obra? É leitura de vestibular?* Mesmo comentando que Conceição faria uma fala na maior tenda da feira um dia depois, simplesmente não sabiam de quem se tratava.

O teatro Tulio Rubim é uma tenda improvisada para as maiores atrações da Feira do Livro de Porto Alegre, com capacidade para quase duzentas pessoas. Apesar de achar que a tenda estaria lotada no dia da fala de Conceição Evaristo e de que haveria necessidade de retirada prévia de senha para participar do evento, a realidade é que a tenda não lotou totalmente e a retirada de senha prévia ficou para a fala de um escritor rio-grandense que escreve para um jornal de grande circulação no estado. Após a belíssima fala de Conceição a mesma avisou o público que trouxera parte de sua obra para distribuição e que estaria disponível para fotos e autógrafos; bastava retirar no estande de autógrafos. A fila de autógrafos de Conceição foi a maior da feira. Ao aguardar, aproximaram-se de mim um grupo com camisetas de um dos expositores da feira e um senhor que estava com o grupo perguntou: *moça, quem é aquela mulher? Que autora é?* Então respondi que aquela é atualmente uma das maiores escritoras do país e que foi destaque no salão do livro em Paris. Para esta afirmativa o senhor mostrou um rosto muito surpreso e disse *interessante, parece que tenho lido pouco...*

Penso que esta experiência vivenciada em meio ao trabalho de pesquisa é significativa do ponto de vista da relação entre mulheres negras e literatura e denota uma invisibilidade: a da mulher negra como sujeito intelectual e cultural, que reforça um imaginário social herdeiro da escravidão, em torno do lugar destinado às mulheres negras dentro da sociedade brasileira. “A pele passa a ser o operador social de acesso ou de proibições, legado determinante de (im)possibilidades para negros e brancos” (SODRÉ, p.6, 2010). A mulher negra na sociedade sempre teve seus espaços bem definidos; os discursos usados pela ciência e pela literatura sempre remeteram as questões de servidão e sexualidade desta mulher, limitando seu espaço social. À mulher negra são sempre reservados os papéis já definidos nas situações de subalternidade como a empregada, a mulata desejante, a mãe preta, a faxineira, a cozinheira, a servente, a prostituta. (GONZALES, 1984).

A obra de Gilberto Freyre, em especial em "Casa Grande & Senzala", foi responsável por cristalizar a imagem da mulher negra de uma forma sexualizada na cultura brasileira, reforçando e permitindo assim este forte estereótipo com a mulher branca tendo sua sexualidade controlada pelo patriarcado e à mulher negra ou mulata a

precipitação da vida erótica. Desde o início, a erótica de Freyre pertence à lógica da reprodução regulada:

A primeira regra, o casamento, a aliança que fundamenta o social, mas também casa grande e como unidade jurídico-econômica; a escravidão, um modo de produção econômica na qual o corpo do trabalhador é uma propriedade legal; e mais importante, a histórica na qual os direitos absolutos do patriarcado sobre os corpos dos escravos, mas também incluem o direito de usar o corpo da escrava como instrumento sexual e o direito de reclamar como seus os filhos dessas uniões sexuais. (SILVA, 2006, p.78)

Este estereótipo relativo às mulheres negras não está apenas restrito à cultura brasileira. A intelectual negra estadunidense bell hooks denuncia o papel social destinado às mulheres negras no seu país: o da subalternidade e da servidão. O trabalho intelectual, mesmo quando julgado socialmente relevante, não é visto como um trabalho abnegado, portanto, não condizente com os estereótipos de abnegação e cuidado relativos às mulheres em geral e às mulheres negras, em particular. Na verdade, segundo hooks, um dos estereótipos culturais do intelectual é o de alguém em geral egocentricamente preocupado com as próprias ideias (hooks, 1995).

Em análise sobre a desvalorização do trabalho intelectual na sociedade - tornado-se mais evidenciado quando este recorte é feito por raça – a autora aponta que as intelectuais negras não são escritoras conhecidas do grande público apreciador de obras literárias, como minha experiência mostrou ao tentar adquirir uma obra da autora Conceição Evaristo. Neste sentido, bell hooks aponta que “essa invisibilidade, em função do racismo, do sexismo e da exploração de classes institucionalizada é um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação” (hooks, 1995, p.467). E continua:

Apesar de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas e teóricas culturais da vida negra em particular nas comunidades negras segregadas, muito pouco se escreveu sobre as intelectuais negras. (Hooks, 1995, p 467).

As poetisas interlocutoras desta análise destoam do estereótipo das mulheres negras tal como denunciado por Lélia Gonzales e bell hooks. Antes, elas contribuem

para destruí-lo: são profissionais bem-sucedidas em suas áreas de formação superior e, além das publicações de suas obras, são poetisas premiadas. Assim, o que pretendo mostrar neste trabalho é que ao escrever suas obras poéticas, estas escritoras refletem a vivência de seu povo; “a intelectual negra quanto à relação com um mundo de ideias que transcendem as produções individuais” (hooks, 1995, p 466). Os marcadores de raça e gênero estão presentes nas obras destas escritoras, bem como as questões identitárias.

Ou seja, o que a escrita destas autoras coloca é uma forma de prática do discurso para uma afirmação de suas identidades por meio de suas poesias. Assim, as identidades destas autoras certamente foram se entrelaçando com suas subjetividades, relações sociais e experiências (BRAH, 2006). Estes três aspectos são responsáveis pela formulação de um novo discurso dentro da literatura no Rio Grande do Sul, pois a formação discursiva é um lugar de poder; dentro deste entendimento o poder é constituído performativamente em práticas econômicas, políticas e culturais e através delas. As subjetividades de dominantes e dominados são produzidas nos espaços desses múltiplos lugares de poder que se intersectam, então a prática é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder, neste caso o discurso é prática:

[...] o sujeito pode ser o efeito de discursos, instituições e práticas, mas a qualquer momento o sujeito-em-processo experimenta a si mesmo como o “eu”, e tanto consciente como inconscientemente desempenha novamente posições em que está situado e investido, e novamente lhes dá significado. (BRAH, 2006, p.374)

Nilma Lino Gomes (2005) aprofunda mais esta questão ao dizer que, enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos identidades sociais: “reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (GOMES, 2005, p.42). Para entender como estes discursos de identidade agem na formação do sujeito, relembro Manuel Castells (1998) que introduz o conceito de “identidade de resistência”. Segundo o autor, esta é criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas/estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim, trincheiras de resistências e sobrevivências com base em princípios

diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo oposta à lógica da dominação (CASTELLS, 2000).

Identidade negra é entendida aqui como uma construção social histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertençam ao mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p.43).

Sendo assim, estas autoras não negam suas questões quanto à negritude em suas obras, trazendo em seus escritos tanto as categorias de raça quanto as de gênero, ressignificando a literatura no Rio Grande do Sul.

2.3 Questões teórico-conceituais: raça, gênero e suas interseccionalidades

Para compreender a relação entre a articulação do racismo e do sexismo vigentes no contexto gaúcho e a obra de poetisas negras gaúchas, esta análise utilizou-se de algumas ferramentas teóricas que contribuíram nesta tarefa. Primeiramente, há que se destacar os principais conceitos estruturantes desta pesquisa e que constituem o seu próprio objeto: raça e gênero. Tratam-se de dois dos três pilares fundantes da organização social brasileira (CORRÊA, 1996) e de seu sistema de desigualdades. Além disto, constituem-se em relações de poder determinando assim a vida de mulheres e homens brancos e mulheres e homens negros (AZEREDO, 1994). Para melhor compreender as questões aqui apresentadas aprofundarei melhor estes conceitos.

Segundo Antônio Sérgio Guimarães (1999), em se tratando de seres humanos, raça é um conceito sociológico, não correspondendo à nenhuma realidade natural. Traduz, assim, uma forma de classificação social que se baseia em uma atitude negativa frente a certos grupos sociais. Avtar Brah (2006) aponta que há que se entender que os processos de racialização são específicos dentro do processo histórico de cada sociedade. Diferentes grupos são racializados de formas e circunstâncias diferentes, sendo assim, cada racismo tem uma história particular. Este processo é apoiado por circunstâncias (econômicas, culturais, políticas) e mecanismos específicos com

diferentes formas e situações (anti-negro, anti-árabe, antissemita). Assim, o racismo tem origem histórica diversa, mas se articula, ou seja, conecta-se tanto por suas diferenças quanto por suas semelhanças, com as estruturas patriarcais de classe de maneira específica. (BRAH, 2006).

O conceito de raça opera na cultura e na sociedade e é usado para negar e discriminar quem é negro e quem é branco em nosso país em que o preconceito ocorre devido às características físicas seguido da discriminação cultural. Discriminação racial e racismo na sociedade brasileira ainda se dão pelos aspectos culturais e das relações que nossa sociedade faz dos aspectos físicos observáveis na estética do corpo (GOMES, 2005). Além disto, o conceito de raça é, também, eminentemente político. Assim, há que se manter a utilização do termo raça sem negar a utilização do termo etnia, baseado nas dimensões sociais e políticas.

Os militantes e intelectuais não adotam o termo raça no sentido biológico, pelo contrário, todos sabem e concordam com os atuais estudos da genética de que não existem raças humanas. Na realidade eles trabalham com o termo raça atribuindo-lhe um significado político, constituído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões históricas e culturais que os remete (GOMES, 2005, p.45).

Como sujeitos que sofrem os processos de racialização, os militantes e intelectuais do movimento negro nos trazem a compreensão de que raças, na realidade, são “construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico” (IBID, p.49).

Nas relações de poder que nossa sociedade construiu historicamente, levando-se em consideração o objeto desta pesquisa, raça é um dos marcadores mais importantes em nossa sociedade, que necessariamente estará presente no campo semântico das definições de gênero (CORREA, 1996). Gênero, por sua vez, é uma “categoria analítica, relacional e que remete à produção simbólica, no plano dos valores, das convenções de feminilidade e masculinidades oriundas de determinadas configurações sócio-históricas.” (BONETTI e FONTOURA, 2009, p. 67), permeado por relações de poder (SCOTT, 1989). “Gênero é um elemento constitutivo da razão simbólica determinando assim a impossibilidade de superação desse constrangimento”. (AZEREDO, 1996, p.209).

Partimos do ponto de que mulher não é uma categoria ampla e universal; antes tem as suas especificidades, constituídas por configurações históricas específicas das relações de gênero com os mais diferentes marcadores sociais da diferença. Portanto, os discursos são diferentes e trazem o conjunto simbólico de trajetórias e circunstâncias materiais, experiências culturais, históricas e particulares. (BRAH, 2006).

No que tange ao foco desta pesquisa, tratei de problematizar a mulher como sujeito social que se afirma, numa realidade não homogênea, mas que vive as diferenças sociais e culturais que a constituem (AZEREDO, 1994). Contudo, gênero, enquanto categoria constitutiva das relações sociais, não está só. Para Donna Haraway (1995) as relações de gênero têm se constituído como uma barreira importante para se compreender o sistema de raça/gênero ou raça/sexo e ao buscar como relações opressivas de gênero operam; não se pode analisa-las sem levar em conta o racismo enquanto instituição fundadora do mesmo mundo.

O entrecruzamento de marcadores sociais da diferença, a sua articulação é melhor compreendida na perspectiva de Avtar Brah,

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro das relações globais de poder. Nossas inserções nessas relações globais de poder se realizam através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro destas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas tais como: “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. “Vidas reais são forjadas a partir de relações complexas dessas dimensões. (BRAH, 2006, p.341).

Segundo Avtar Brah, as estruturas de classes, de raça, de gênero e de sexualidade, não podem ser tratadas como variáveis independentes. Estas formas de opressão estão impressas uma na outra, “(...) inscrita dentro da outra, é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351). Para entender melhor este entrecruzamento, vejamos o posicionamento da autora sobre o racismo:

Eu diria que o racismo não é nem redutível à classe social ou ao gênero, nem inteiramente autônomo. Racismos têm origem histórica diversa, mas se articulam com estruturas patriarcais de classe de maneiras específicas, em condições históricas dadas. Os racismos podem ter eficácia independente,

mas sugerir isso não é o mesmo que dizer, como Caroline Ramazanoglu, que o racismo é uma “forma independente de dominação. (BRAH, 2006, p.352).

Este entrecruzamento de que fala Avtar Brah, contribui para refletir sobre as convenções raciais e de gênero que constituem a literatura brasileira. Pode-se dizer que há uma voz semelhante entre a literatura e as categorias antropológicas relacionadas ao homem, pois o corpus literário brasileiro é majoritariamente branco e masculino. Sandra Azeredo (1994) aponta que as questões discutidas politicamente como “igualdade, universalidade e sujeito de direitos” foram escolhidas e reforçadas historicamente tomando o homem branco como modelo. E sendo este homem branco uma categoria não marcada por gênero e raça (AZEREDO, 1994). Tomando-se o modelo de sociedade, e sendo a literatura o reflexo do que nela acontece, torna-se evidente a afirmação de que o negro dentro da literatura brasileira está muito mais como um tema e não como uma voz autoral (DUARTE, 2013). Se a voz do negro como autoria e sujeito político de suas ações dentro da literatura nacional não é vista ou percebida, a escrita de autoria negra feminina é praticamente desconhecida.

A mulher negra não é vista na sociedade como intelectual. A ela são destinados os papéis de mulata sedutora, de mãe dócil e resiliente ou de mulher servil (GONZALES, 2003). A literatura nacional, bem como os meios de comunicação, vem reforçando estes estereótipos através de suas produções em que as personagens mulheres negras são criadas como objeto, naturalizando as relações desiguais de gênero, cristalizando a imagem destes estereótipos, construindo e reconstruindo no interior de sua lógica de produção os sistemas de representação. (GONZALES, 2003).

Lélia Gonzales, em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, aponta a falta da visibilidade da mulher negra para além dos estereótipos que socialmente são apresentados:

O fato é enquanto mulher negra sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam de uma mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais, mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava explicações. E isso começou a nos incomodar. E exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com a sua insistência (GONZALES, p.225, 1984).

É o entrecruzamento destas duas formas de discriminação que as teóricas feministas nomeiam interseccionalidades - formas de capturar as consequências da interação de duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo e patriarcalismo (PISCITELLI, 2008).

A interseccionalidade trataria da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessas confluências constituiriam ativos do desempoderamento. A imagem que ela fornece é de diversas avenidas, em cada uma delas das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a (PISCITELLI, p.267,2008).

O movimento de mulheres negras do Brasil é uma referência importante em temas de interesse das mulheres no plano internacional e também um dos movimentos com melhor desempenho dentre os movimentos sociais do país. (CARNEIRO, 2003). As diversas desigualdades sofridas pelas mulheres sejam no acesso ao poder, ou nas desigualdades salariais, foi motivo de luta do movimento feminista brasileiro. Por um longo tempo este movimento foi refém da visão de mulheres como um padrão universal; assim foi por muito tempo incapaz de ver as diferenças e desigualdades do universo feminino. O silenciamento destas vozes não ouvidas vem exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas feministas. Logo o elemento responsável por esta nova perspectiva é o movimento de mulheres negras (CARNEIRO, 2003). A subalternidade das mulheres negras na sociedade mostra como o racismo intensifica a desigualdade de gênero por meio de privilégios pela exclusão e exploração de gêneros subalternos:

A diversificação das concepções e práticas políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduz no feminismo é resultado de um processo dialético que, se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento das diversidades e desigualdades entre essas mesmas mulheres. (CARNEIRO, p.119, 2003)

Diante disso as mulheres negras não são percebidas ou reconhecidas como intelectuais ou poetisas (o caso de nossa pesquisa); a presença das escritoras negras traz consigo uma série de fatores que subvertem a história oficial, forçam o deslocamento deste lugar de subalternação cristalizado de produção de conhecimento. (SILVA, 2011).

Minha pesquisa servirá para a observação de que as poetisas que fazem parte desta pesquisa não negam estes processos de racialização da mulher negra na sociedade, pois, fazem de suas escrituras uma forma de resistência. É na produção deste conhecimento, de sua arte e através de suas escrituras que estes processos históricos irão emergir. Sem espaço dentro do cânone literário nacional, hegemonicamente branco, esta literatura surge de forma empoderada, ressignificando discursos. Assim emergem desta urgência de ressignificação dentro da teoria literária dita universal, as questões de raça, pois na literatura, tanto na parte de autoria quanto no conteúdo das obras, os processos de racismo e sexismo estão presentes. Passarei a problematizar tais questões.

3 CAPÍTULO II: Literatura afro-brasileira, negro-brasileira ou guetização? Reflexões com as poetisas negras gaúchas

É necessário aqui que fazer um resgate sobre como a literatura foi construída ao longo do processo histórico brasileiro. Por conta desta construção social e histórica é que em nosso imaginário já temos um estereótipo do autor de uma obra literária seja ele poeta ou romancista. Sempre é homem, adulto, branco e com aparência não jovial. É assim que nos é ensinada a literatura na escola e assim segue nas universidades; contamos nos dedos as autoras mulheres e a questão racial raras vezes aparece como nas obras de Machado de Assis e, mesmo assim, não é mencionado que este era filho de mãe e pai negros; em algumas situações Machado de Assis é retratado como mulato e não negro. Portanto, nas teorias literárias no Brasil as questões de raça e gênero praticamente não são abordadas devido ao caráter universalista em que se apoia.

Literatura é, antes de tudo, linguagem, construção discursiva marcada pela finalidade estética. Mesmo fazendo-se a crítica do formalismo implícito ao preceito Kantiano da "finalidade sem fim" da obra de arte, e mesmo compreendendo no literário outras finalidades para além da fruição estética, há que se ressaltar a prevalência do trabalho com a linguagem sobre os valores éticos, culturais, políticos e ideológicos presentes no texto. De forma quase sempre sutil, especialmente nas grandes obras, o fator de arte prevalece, a fim de estabelecer a comunicação, despertar e cativar a atenção do leitor, espécie de ponto de partida – e de chegada – do circuito que vai da fruição à empatia e que termina por distinguir a literatura do panfleto. (DUARTE, 2008, p.6).

No final do século XX temos uma masculinização embranquecida da literatura brasileira, seja na representação ou na sua autoria. O levantamento feito por Regina Dalcastagné (2011) de romances brasileiros publicados por editoras de prestígio no Brasil nos períodos de 1965 a 1979 e 1990 a 2004 aponta a existência de 245 autores, sendo 93% brancos. Sobre os enredos, 5,8% dos romances possuem um protagonista negro e somente 2,7% são narradores e tem poder de conduzir um texto; mais da metade dos personagens negros apresentados nestas histórias cumprem os papéis de bandidos, contraventores, empregadas domésticas, profissionais do sexo ou mendigos. No período de 1965 a 1979, 4,7% dos personagens são negros e nenhum destes romances o negro está como narrador da história. (DALCASTAGNÈ, 2011).

3.1 A literatura afro-brasileira

A história da literatura brasileira nos dias atuais está passando por um processo de revisão não espontânea de seu *corpus* e de seus métodos (processos, pressupostos teóricos). Esta revisão é motivada pela emergência de novos sujeitos sociais que reivindicam novos discursos, antes silenciados ou situados na borda do cânone cultural hegemônico. (DUARTE, 2018). A problemática aqui, como nos mostra Eduardo Duarte (2018), aponta para o argumento de que a literatura não tem sexo e nem cor, conservando uma arte que não tem adjetivos em que a essência do belo é tomada como universal.

A nosso ver, a ideologia do purismo estético, ela sim, faz o jogo do preconceito, à medida que transforma em tabu as representações vinculadas às especificidades de gênero ou etnia e as exclui sumariamente da “verdadeira arte”, porque “maculadas” pela contingência histórica. Este purismo é, no fundo, um discurso repressor, que cala a voz dissonante desqualificando-a enquanto objeto artístico. É o caso de se indagar qual valor concede sustentação a valores estéticos enrijecidos por séculos de colonização ocidental. E não será difícil vislumbrar nesse quadro o mesmo eurocentrismo que um dia levou Hegel a deixar a África fora do Espírito e da História Universal. (DUARTE, 2018, p.03)

Assim, o momento atual exige uma articulação de etnicidade e de gênero, pelos “padrões hegemônicos e dos condicionantes históricos” (IBID, p.03) que colocaram etnias e gênero em situação de submissão mesmo que em níveis distintos. Abriram-se, assim, possibilidades para uma nova configuração teórica e histórica para a emergência da literatura afro-brasileira apontando para a inclusão de mulheres que venceram as barreiras, as “pessoas de cor” e as do “sexo frágil” que desfrutaram do universo da escrita e publicaram obras (DUARTE, 2018).

Estamos falando aqui de Maria Firmina Reis, autora do romance “Úrsula”, maranhense, esquecida por décadas e só resgatada e colocada dentro das teorias literárias e da história pelo historiador paraibano Horácio Almeida na década de 1960. Hoje sabemos que Maria Firmina Reis foi uma das primeiras mulheres a escrever um romance no Brasil. Com esta revisão histórica, o gênero literário romance passa a ter dois marcos no país, o primeiro com outro autor afro-brasileiro chamado Antônio

Gonçalves Teixeira de Sousa com o romance “O filho do pescador” e outro com a autora Maria Firmina Reis com o título “Úrsula”.

Assim temos já conceituado o termo literatura afro-brasileira ou negro-brasileira. Estes conceitos foram surgindo dentro dos estudos literários a fim de ressignificar o discurso hegemônico com que estamos acostumados a reconhecer como literatura. Estes novos conceitos buscam revisar o cânone literário, resgatando a contribuição que autores negros e autoras negras para a constituição da literatura brasileira. A literatura afro-brasileira, para poder ser considerada como tal deve observar algumas características das obras, tais como: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor (DUARTE, 2008).

A temática gira em torno do resgate da história do povo negro na diáspora, a denúncia da escravidão e suas consequências, bem como a glorificação de seus heróis, suas tradições religiosas e culturais com destaques para a riqueza dos mitos e das lendas, que muitas vezes são passadas oralmente. A autoria, neste caso, reivindica as condições deste povo e a inclusão desta escrita no projeto literário nacional. Há de se ter cuidado com esta questão, pois ela não fica presa à cor da pele do autor ou da autora. Já o ponto de vista é um conjunto de valores morais e ideológicos distintos dos brancos; remete à superação de todos os modelos europeus e da assimilação cultural imposta como única, ou seja, um discurso da diferença atuando como elo importante dessa cadeia discursiva. A linguagem abarca as questões dos valores políticos, étnicos culturais e ideológicos.

Para que este conceito por fim seja utilizado em seu viés teórico devemos deixar claro que estes aspectos (temática; autoria; ponto de vista; linguagem) devem se relacionar em conjunto na obra literária.

Assim, afro-brasilidade tornar-se-á visível a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e mesmo toda uma semântica própria empenhada muitas vezes no trabalho de ressignificação que contraria os sentidos hegemônicos da língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia (DUARTE, 2008, p.6).

Por fim o público também é um dos critérios para esta literatura, pois além de atingir um segmento da população, busca o escritor como sendo o porta voz de uma coletividade. O resultado disso é a revisão de valores e combate aos estereótipos,

ênfatizando o papel da literatura na construção da autoestima dos afrodescendentes (DUARTE, 2008).

O fato é que o negro está na literatura muito mais como tema e cercado de estereótipos de autores que usam a construção de repetidos estereótipos do que como voz autoral. Podemos lembrar o apagamento histórico desta autoria com Luiz Gama em que na teoria literária tenta ser encaixado entre os poetas românticos ou parnasianos, mas que as diferenças de seus textos são ignoradas, ou Cruz e Souza que fica reduzido ao reprodutor do simbolismo e lembrado como “negro de alma branca” (DUARTE, 2013). Portanto, conhecer e afirmar que existe uma produção literária afro-brasileira é reconhecer a questão do negro como sujeito em diversos textos como prosa ou poesia em uma linguagem que subverta imagem e sentidos já cristalizados pelos valores sociais brancos.

3.2 A literatura negro-brasileira

Contudo, há, ainda, dissenso em torno desta classificação. Em posição crítica à perspectiva da literatura afro-brasileira, Luiz Cuti (2010) sustenta que ela deve ser tratada como negro-brasileira. Para ele a produção literária de negros e brancos possuem valores diferentes por conta da subjetividade que está na escrita da obra. Para ele as nomenclaturas afrodescendente e afro-brasileiro remetem a um discreto retorno ao continente africano e um afastamento silencioso da literatura brasileira. Considera que o prefixo afro aborda a autoria de não negros que não sofreram com as questões de racismo. (CUTI, 2010).

O que diferenciaria a escrita afro-brasileira da negro-brasileira? Que escrita é essa? A diferença definitiva entre os dois conceitos está na percepção da ação do racismo e seus significados e na sua manifestação das subjetividades.

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve

estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p.19)

Escritores usaram muitas expressões de origem africana em seus textos com a intenção de fazer uma literatura para os negros ou que fosse apreciada por este público pela identificação da linguagem. Desta forma, o Modernismo se apropriou de termos e noções do folclore e cultura brasileira para produzir obras artísticas tanto na pintura quanto na literatura, sem problematizar as questões conflituosas que seus agentes viviam. Idealizaram, em suas obras, as populações pobres por meio de um processo de infantilização, caracterizando-as assim como ingênuas e conformadas. A religião do Candomblé foi uma das mais afetadas por esta folclorização. (CUTI, 2010).

Desconstruir estereótipos, a afirmação da identidade do negro, a recuperação da memória coletiva de um povo, o resgate de autores que reivindicaram em suas escritas e que ficaram apagados e ignorados dentro da história é o principal projeto desta literatura. Assim a Lei 10.639/ 2003⁵ tem sido uma importante ferramenta para produção de livros com conteúdo africano e sobre a realidade da população negro-brasileira. Muitas pessoas vêm produzindo literatura negro-brasileira. “A obra cumpre a função principal de furar as resistências para nutrir a memória afetiva dos leitores”. (CUTI, 2010, p.59).

O debate acerca da classificação da literatura como afro-brasileira ou negro-brasileira é de fundamental importância para a revisão crítica da teoria literária brasileira. No entanto, há ainda questões a serem problematizadas. As interlocutoras desta pesquisa, além de terem em seus textos as marcas da identidade coletiva de um povo, de possuírem traços de autoria, ponto de vista, linguagem, temática e de buscar um público que se identifique com suas escritas, trazem as marcas de vivência enquanto mulher negra. Para problematizar alguns aspectos invisíveis nesta discussão, resgatarei algumas situações observadas no contexto de pesquisa que me ajudam a refletir a partir da experiência das interlocutoras desta análise.

⁵ Lei 10.639 que altera a Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

3.3 Para além da guetização: escrevivências e um ponto de vista coletivo

Lilian Rose Rocha, Ana dos Santos e Eliane Marques participam de eventos em que a temática não é somente poesia, mas também a poesia negro-brasileira. Foi o caso do III Encontro de Escritores Negros, realizado no âmbito da 63ª. Feira do Livro em Porto Alegre. Nos dias de encontro, as três poetisas compuseram duas mesas de falas sobre "Literatura Negra e Escrita Diaspóricas". Ana dos Santos refletiu sobre o abarcamento teórico desta literatura e o advento da lei 10639/2003 para poder ensinar na sala de aula a história pela voz do sujeito negro. Ao final da segunda mesa, Lilian Rocha lembrou que na mesa para a qual foi convidada na Feira do Livro de Passo Fundo era a única escritora negra de toda a programação. Eliane Marques trouxe um posicionamento marcante sobre os eventos de que participa: *Eu fui para vários eventos de literatura negra, eu vou e sou convidada para eventos de literatura negra, mas o que eu faço é arte e assim deveria ser considerado.* (Diário de Campo, doravante DC 04/11/2017).

Nesta passagem, interessa destacar os pontos de vista particulares das interlocutoras. Estes pequenos fragmentos escolhidos de suas falas nos apontam para a relevância da revisão crítica aos cânones eurocentrados, bem como afirmam a fundamental necessidade da incorporação da perspectiva de gênero na revisão crítica. O posicionamento de Eliane Marques especialmente chamou a atenção e, em entrevista, busquei entendê-lo melhor. Ela reiterou seu posicionamento, explicando-me que estes *conceitos operativos estão sendo utilizados para trancar-nos num gueto novamente.* A poetisa é bem enfática ao dizer que *o conceito de literatura negra nasce como afirmação do movimento negro no sentido de que nós podemos escrever; não são só um objeto para carregar e servir os brancos, as mãos podem servir para contar nossa história. As nossas mãos também servem para fazer outro tipo de coisa que é arte.* (DC 03/05/2018).

Associada à revisão crítica dos cânones a partir de uma perspectiva interseccional, a fundamental provocação de Eliane Marques sobre os riscos de guetização da arte que fazem levaram-me a buscar o conceito de escrevivência (EVARISTO, 2006) para melhor compreender e reunir as experiências literário-artísticas de minhas interlocutoras. Segundo Conceição Evaristo, este conceito é uma forma de incorporar à produção literária a subjetividade da autora e do autor sem deixar esquecida a memória coletiva de um povo: "Os traços de negricia ou negrura do texto

seriam oriundos do que a autora Conceição Evaristo chama de *escrevivência*, ou seja, a experiência como mote e motor de produção literária” (DUARTE, 2013, p.149). É a partir da *escrevivência* que as autoras interlocutoras desta pesquisa colocam suas obras poéticas, pois trazem a vivência enquanto mulheres negras.

Conceição Evaristo pensa na representação da mulher negra na literatura não como os estereótipos já escritos. A escrita da *escrevivência* é um exercício consciente de escrita que pode cair na armadilha do estereótipo, mas que busca cada vez mais sua fuga. Ela pensa na mulher negra como centro da cena, a fim de borrar a imagem que a literatura brasileira a persegue (como as personagens Rita Baiana e Gabriela Cravo e Canela, por exemplo).

Conceição Evaristo é uma das maiores autoras nacionais da atualidade, já recebeu o prêmio Jabuti pelo livro “Olhos d’água”, é homenageada nos principais eventos literários do país, mas diz que só conheceu mulheres escritoras negras dentro do Movimento Social Negro. Seus trabalhos trazem como ela diz, a marca de sua condição de mulher e negra deixando assim a escrita ser contaminada pela subjetividade e experiência, recurso que vai interferir no que se quer narrar, como narrar, na construção do texto e o que levar para o texto: “A literatura tem uma relação direta como texto que traz a identidade de um povo, ler a literatura desprezando determinados autores é ler uma nacionalidade capenga” (EVARISTO, 2017).

Em outro ponto Conceição Evaristo explica a *escrevivência* por meio do processo histórico da escravização dos povos africanos, quando a oralidade é apropriada pela escrita. Ela afirma que as mulheres escravas tinham como obrigação a contação de histórias para aqueles que habitavam a casa grande para que adormecessem. Em contraposição, na atualidade as escritoras negras têm a possibilidade da escrita e se apossam de um modo de fazer literário que está muito mais ligado à classe dominante, agora não mais para adormecer a casa grande e, sim, para acordá-los: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como história para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, *on line*).

É uma forma de escrita que não se dá só pelo alfabeto e sim pelo corpo, pela voz, incorporando as possibilidades da oralidade. Portanto é uma escrita que nasce de uma experiência da subjetividade das mulheres negras: “o fundo de pano é a existência.

Eu invento a partir daquilo que eu assisti da vivência do outro que me contamina ou a partir de um ponto de vista direto ou indireto” (EVARISTO, 2013).⁶

Em vista disto é que o conceito de escrevivência permite, ao mesmo tempo, alertar para o risco de guetização e identificar as recorrências, o que há em comum e que é partilhado pelas experiências particulares e pelas subjetividades destas escritoras, interlocutoras desta pesquisa. Associado a este conceito, utilizo o de “ponto de vista coletivo” de Patricia Hill Collins, socióloga estadunidense, influente pensadora-referência do feminismo negro. Tal conceito busca desconstruir justamente uma noção talvez implícita na perspectiva de uma literatura afro-brasileira ou negro-brasileira, a da existência do único e verdadeiro pensamento negro, ou da verdadeira mulher negra. Para Collins, ao contrário:

Não há uma mulher negra essencial ou arquetípica cuja experiências sejam normais, normativas e, portanto, autênticas. Um entendimento essencialista do ponto de vista da mulher negra suprime as diferenças entre as mulheres negras na busca de uma ilusória unidade grupal. No lugar disso, seria mais exato dizer que existe um ponto de vista coletivo das mulheres negras caracterizado pelas tensões que correspondem às diferentes respostas aos desafios comuns (COLLINS, 2012, p.112).

Ou seja, é pela experiência vivenciada e pelas respostas encontradas aos obstáculos impostos pelos sistemas sociais de desigualdades raciais e de gênero que reúne e aproxima essas mulheres. É justamente pelas suas diferenças nas vivências de um desafio comum que se reúnem. Com isto, passaremos a conhecer melhor as experiências destas mulheres negras na produção de sua arte, de sua poesia.

3.4. As três poetisas e suas experiências: interseccionalidade de gênero e raça e um ponto de vista coletivo

Para compreendermos o ponto de vista coletivo que a produção artística destas poetisas encerra, interessa resgatar a matéria da jornalista Priscila Pasko, “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas? ”, citada acima. Na matéria, Eliane Marques

⁶ Depoimento do V Colóquio Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013.

apontou que a poesia negra *cobra os direitos do seu povo e o pagamento de uma dívida histórica*, mas também afirma que *poesia negra não é só isso*. Lilian Rocha também amplia a temática desta poesia que não fica somente atrelada à questão da cor; para ela a temática da poesia negra trata sobre o que é ser mulher, e mulher negra nas dificuldades de trabalho, do companheiro que a abandona sozinha com os filhos, restando a ela o papel de provedora da família (Pasko, 2017). Lilian Rocha ressalta ainda: *mas claro que a poesia fala de outros aspectos. O amor está muito presente na escrita das mulheres negras, o negro também ama*. Ana dos Santos, por sua vez, acha necessário ressaltar a cor que se escreve: *Se tu olhares o cânone literário, vais enxergar apenas escritoras brancas. A Clarice Lispector é escritora, mas Veralinda Menezes é uma escritora negra... eu preciso dizer que ela é negra porque esta palavra sempre foi ligada a uma questão negativa, pejorativa que a gente precisa ressignificar, trocar de lugar*. Para ela a cor precisa ser enfatizada para que um dia não precise mais ser usada e que possa dizer: Veralinda é uma escritora brasileira.

Como se pode perceber, há a reiteração de uma experiência em comum, que influencia a construção de subjetividades e a necessidade de demonstrá-las. Vejamos a trajetória de cada uma delas.



Figura 1: Lilian Rose Rocha

Lilian Rose Rocha, nascida em 1966, na data de 24 de Maio, apresenta um perfil particular. Farmacêutica, formada em 1988 na Universidade, combina a sua paixão pela Poesia com a música e a biodança. Autora de *A vida Pulsa- poesias e reflexões* (2013) e *Negra Soul* (2016), foco central desta análise, que traz, segundo relato da autora, *a mescla da ancestralidade, negritude, empoderamento, afetividade, transcendência, contestação, presença e musicalidade* (DC 03/maio/2018). Participou de várias antologias poéticas brasileiras e portuguesas. A divulgação do seu trabalho é feita por meio de sites, blogs e saraus, bem como pela venda de seus livros em livrarias da capital e do país. “Há 18 anos suas poesias fazem parte de sua oficina biocêntrica, como ferramenta de reforço da identidade e da capacidade de expressão do ser humano nos mais variados grupos sociais” ” (ROCHA, 2016, p.01). É membro atuante do coletivo de poesia do Sopapo Poético⁷ que conheceu por meio de um amigo do seu irmão, coordenador do coletivo. Iniciou suas atividades no Sopapo no final de

⁷ O grupo Sopapo Poético é um coletivo poético da capital Porto Alegre. Seus saraus reúnem poetas e poetisas negros. Falaremos deste coletivo mais adiante.

2012, mesmo ano que o Sopapo começa a atuar na cidade. É também membro da Academia de Letras do Brasil, seccional Rio Grande do Sul.

A paixão pela escrita poética veio desde a infância, segundo Lilian *desde a alfabetização*. Lilica, como é conhecida pela família, é a filha mais nova; ao nascer a casa já estava rodeada de livros de seus irmãos bem como de sua mãe, uma leitora voraz. O estímulo da escrita veio também do pai, oficial de justiça que possuía uma *máquina de escrever* [da marca] *Olivetti*, imagem que Lilian não esquece. Ainda criança, presenteava os pais, os irmãos e os primos em datas comemorativas com seus poemas. Esta facilidade com as letras levou-a a oradora em todas as formaturas dos cursos de que participou.

Lilian contou que ao prestar vestibular tinha três opções: Farmácia, Jornalismo ou Música. Inscrita no vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), escolheu o curso de Farmácia, pois *sempre teve facilidade com química*. Optou em fazer o curso sem maiores dificuldades, pois *a poesia nunca deixou de estar co[ns]igo*. Assim, é farmacêutica e bioquímica formada pela UFRGS, pós-graduada em homeopatia pela Associação Brasileira de Homeopatia e violonista com o domínio das técnicas popular e clássica e de teoria musical no Liceu Musical Palestrina.

Traz em seu currículo a participação no projeto Universidade Livre da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com o Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE) no curso Africanidades: cidadania e reconstrução da identidade étnica. Além disto, em 2005 Lilian se forma em docência de Biodanza pela Escola de Formação de Facilitadores de Biodanza Rolando Toro de Pelotas. Ao fazer o seu trabalho de conclusão neste curso, a poetisa relatou que *uniu suas duas paixões*, usando a poesia e a música, como apresenta:

Há muito tempo, o canto, a voz como essência e como identidade, representa para mim o estar vivo, uma pulsação diferenciada, um encontro comigo mesma e um estar presente com as outras pessoas. Canto deste a barriga de minha mãe, e canto porque sei que as notas são infinitas, que são capazes de formar uma helicoidal de energia, de força, de unidade com o Todo, com o Divino. (ROCHA, 2005, p.9).

Atualmente exerce a profissão em que se formou, atuando como analista bioquímica no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas na cidade de Porto Alegre,

além de ser professora multiplicadora em biodança e poetisa atuante nos saraus da cidade. Definiu a Biodança como *processo de desenvolvimento humano que trabalha com o movimento e emoção em grupo. Alimenta os potenciais genéticos externos que favorecem a potencialidade ajudando em nossa transformação pessoal* (DC 03/maio/2018).

Ao mergulhar em suas obras, conhecer sua trajetória e principalmente vê-la recitar seus poemas, pode-se perceber que música, corpo e voz se entrelaçam e criam novos significados. Em Maio de 2018, Lilian foi convidada pela banda portoalegrense Bataclã Futebol Clube para participar do evento Serenata Iluminada que ocorreu no Parque da Farroupilha. Na ocasião recitou o poema “Gritaram-me negra” de Vitoria Santa Cruz, poetisa peruana que trata da temática afrocentrada. Numa performance que encantou aqueles que puderam assisti-la, a poetisa mostrou toda a sua vivacidade performática usando elementos corporais. A performance é a marca registrada desta escritora que sempre que tem a oportunidade de se apresentar e mostrar seu trabalho faz de forma total; seus poemas não merecem ser somente lidos, mas interpretados. É o caso do poema “*Canta Negro*” bem como a música “*Capitão do Mato*”, que foi lançada como poema e logo depois em formato musical, por meio de um videoclipe em 2017.

Estes elementos de poesia, corpo e música estão reforçados na apresentação de seu segundo livro “*Negra Soul*”: “a minha poesia é cadenciada, melodiosa, ornamentada com a minha corporeidade. Sou a integração de uma mulher multifacetada, que explora os ritmos na busca incessante de perguntas e respostas, que vivencio em meu cotidiano” (ROCHA, 2016, p.6). Em entrevista para esta pesquisa falou que está trabalhando em um novo projeto que ao final deste ano pretende lançar seu terceiro livro que tratará sobre a vida de sua mãe antes do casamento com seu pai. Lilian contou que sua mãe fez parte de vários clubes negros da cidade de Porto Alegre e sua história deve ficar registrada.

Ana dos Santos é natural da capital Porto Alegre, onde nasceu em 02/09/1984.



Define-se como *poetisa ou poerotisa dependendo da obra* (DC, 02/05/2018) e compõe o corpo docente do estado como professora de literatura brasileira. É formada em Letras pela UFRGS, especialista em História, Territórios Negros: Patrimônio Afro-Brasileiro em Porto Alegre e possui aperfeiçoamento em História e Cultura Afro-Brasileira pela mesma instituição Uniafro/UFRGS.

Figura 2: Ana dos Santos

Foi vencedora do concurso de poesias Mario Quintana pela UFRGS em 2003. Em 2005 criou o jornal digital “*Sociedade dos Poetas Vivos*”. Participou juntamente com outros escritores e fotógrafos da obra “*Brazil by Nigth*”, faz parte do grupo de artistas independentes Amigos Unidos Incentivando As Artes (AGUIAS), por meio do qual recitou, performou e escreveu na “Antologia A.G.U.I.A.” no ano de 2009 e “*Prosa e Verso*” no ano de 2010. Foi premiada internacionalmente no concurso Ministério da Poesia - *word art friends* - na cidade do Porto em Portugal estreando seu primeiro livro “*Flor*” no ano de 2009. Participou do projeto “*As paredes têm ouvidos... e sabem do nosso amor*” por meio do qual colou seus poemas nas ruas de capitais do país. Mantem um blog chamado “*Flor do Lácio*” com suas obras, eventos e trabalhos acadêmicos.

O ano de 2017 foi intenso de programação cultural para Ana. Pude acompanhá-la à distância por meio do seu blog e de seu perfil social na internet, que sempre está atualizado com grande número de eventos e apresentações em saraus para divulgação de seu trabalho. Em julho de 2017 estive na cidade de Alegrete como convidada da programação da 38ª Feira do Livro que teve como temática “A Mulher nas Asas da Literatura – Resistência e Poética”. Sua contribuição para o evento se deu por meio de uma oficina de escrita criativa intitulada “Mulher negra, meu corpo, minha voz”. Em setembro do mesmo ano, juntamente com o escritor Marcelo Martins, foi convidada para o sarau de aniversário do blog *Nonada-Jornalismo e Travessia* que foi realizado na livraria Taverna em Porto Alegre. Participou de uma intervenção artística do Coletivo Mulherio das Letras no mês de Outubro. Teve seus poemas publicados em veículos de informação como o jornal Negra Aldeia, a revista Poesia Sem Medo, bem como em antologias poéticas como: “*Elas*” (antologia poética) e “*Literatura Sentimentos e Razões*”. Foi homenageada no Sarau Gente de Palavra e também no coletivo da qual faz parte, o Sopapo Poético. Fez parte da mesa intitulada “Que produção é essa que está sendo chamada literatura negra?”, do III Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul, realizado em novembro do ano 2017, na cidade de Porto Alegre, no qual falou sobre os conceitos de *literatura afro-brasileira e negro-brasileira* e sobre quais autores brasileiros e autoras brasileiras poderiam ser englobados e englobadas nestes conceitos. Organizou, também, dentro da 63ª Feira do Livro de Porto Alegre uma batalha de poesia conhecida popularmente como *Slam*⁸.

⁸ Trata-se de um movimento poético que surgiu em Chicago nos Estados Unidos na década de 80. O Slam é uma espécie de batalha poética, a peculiaridade é que ela é falada e não cantada. Esta modalidade surgiu nos Estados Unidos (Slam poetry) e há alguns anos vem ganhando adeptos no Brasil.

A entrevista que fiz com Ana dos Santos foi uma das mais longas, a conversa fluiu além do roteiro pré-concebido de forma natural e não linear. Em vários momentos desviamos da pergunta central, o que foi relevante para poder entender a poetisa e sua obra. Ao escrever, ela traz os problemas de raça e gênero, bem como questões sociais. Teve uma infância sem maiores dificuldades financeiras, considerando-se de classe média e como ela diz *toda a criança que vive no meio da branquitude se acha branca, depois que me disseram que eu era negra fui perguntar para minha mãe o que era negra, minha mãe me colocou na frente do espelho e mostrou que eu era uma criança negra* (DC 02/05/2018).

Ana tem orgulho de lembrar de que é neta da primeira mulher negra a votar na cidade de Alegrete, o que também evoca um acontecimento marcante em sua família. Sua mãe, professora de filosofia, lecionava em Alegrete e devido à ditadura militar foi convidada a se retirar da escola em que trabalhava, sentindo-se perseguida, mudou-se para capital do estado onde Ana nasceu.

Durante nossa conversa, Ana contou seu percurso de vida, desde a infância até hoje. O racismo deixou marcas na vida desta poetisa que diz ter vividos os piores casos em um curso de inglês da qual era aluna e na faculdade; contou sobre os sérios embates no curso de Letras com um conhecido e midiático professor de literatura. Após sua formatura, a poetisa viveu na cidade do Rio de Janeiro, o que foi *uma experiência transformadora*. Ali viu um apartheid e sentiu uma enorme diferença entre a população negra do sul e a do Rio de Janeiro. Crítica de seu próprio trabalho, acredita que o seu premiado livro *Flor*, de 2009, lançado na cidade do Porto/Portugal, hoje em dia não a contempla mais.

Ana dos Santos gosta de trabalhar com performances artísticas de intervenção urbana. Trabalhou na performance intitulada “Sete Cabeças”, em que mulheres sentadas em uma mesa de bar bebem e recitam poemas; fez parte de “Os Cegos” em que homens e mulheres vestidos socialmente estão petrificados, em uma crítica à cegueira da sociedade em busca de poder nos grandes centros financeiros. Destes trabalhos artísticos do que mais gostou de fazer foi “Entre Saltos”, criado pela artista Priscila Toscano. Neste ato várias mulheres vestidas de vermelho caminharam por três horas seguidas com um sapato de salto no pé e outro na mão.

Atualmente em Porto Alegre existem mais de cinco grupos de Slam e os principais têm temáticas já definidas: Slam das Minas (temática feminista), Slam Peleia (temática denuncia social), Slam Chamego (temática amorosa ou erótica).



Figura 3: Eliane Marques

A temática social, a mulher, a mulher negra e o erotismo são temas que sempre estão presentes em seus poemas. A temática social é forte quando lemos os poemas “*Meninos Engraxates*” e “*As babás de branco*”, tratando de racismo e invisibilidade destas duas categorias.

Eliane Marques nasceu em 1970 em Santana do Livramento, cidade que faz fronteira amiga com o Uruguai, na metade sul do estado, a quase 500 km da cidade onde mora atualmente, Porto Alegre. Filha de mãe empregada doméstica e pai operário, neta de um avô servente e uma avó lavadeira, a poetisa decidiu se destacar nos estudos, pois, não queria viver a mesma

situação de subalternidade a qual viu sua mãe e sua avó sofrerem. Escrevia poemas na adolescência sem a intenção de produzir um objeto estético, porém na época, como a autora conta, *não tinha a preocupação com a poesia por uma questão de sobrevivência* (DC 04/05/2018).

Advogada, atua como Auditora Pública Externa do Tribunal de Contas do Estado. É especialista em Constituição, Política e Economia, pela UFRGS e mestra em direito público pela Unisinos. Possui também graduação em pedagogia, formação em psicanálise na Escola Après Coup Porto Alegre Psicanálise e Poesia e foi uma das ministrantes, nessa instituição, do curso de Direito e Psicanálise. É coordenadora do projeto Escola de Poesia e também da coordenação editorial da revista Ovo da Ema. Entrou para Escola de Poesia quando fazia estágio no Tribunal de Justiça do estado a convite de um colega que a achava muito calada. Começou fazendo sessões de análise para depois fazer parte do grupo de poesia. Segundo a poetisa, foi no grupo que sua poesia ficou mais sistemática, *saiu do impulsivo para virar um trabalho* (DC 04/05/2018). Na Escola de Poesia esteve à frente da coordenação vários projetos como o Poetas do Futuro, do qual participaram crianças e adolescentes acolhidos pelo Instituto Recriar⁹. Este trabalho deu origem à revista Não é o bicho, de 2012. Foi também responsável pela organização do livro “*No meio da meia-lua*”, primeiros versos (2013) e do coletivo Africanamente Escola de Capoeira Angola. Coordenou, junto com outros poetas, o A.E.D.O. – Arte e Expressão da Oralidade – Festival de Poesia, bem como as várias edições do Porto Poesia (festival nacional de poesia que

⁹ Instituição de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social em Porto Alegre.

acontece na cidade de Porto Alegre). Participou em 2008 na coletânea Arado das Palavras e da revista Água Viva.

Sua primeira publicação individual deu-se no ano de 2009 com o livro Relicário. No ano de 2015 a poetisa lança o premiado livro E se alguém o pano. Este livro rendeu-lhe o prêmio Açorianos de literatura na categoria poema. Na cerimônia, a poetisa dedicou-o a todas as mulheres negras. Sua obra traz referências de Ezra Pound, Jack Kerouac, Derek Walcott, Aimé Cesaire, Chinua Achebe, Lima Barreto, Léopold Sedar Senghor, entre outros. Ao ser perguntada sobre essas diferentes influências, a autora comentou: *Quando eu leio poetas homens brancos, posso pegar o que me serve e subverter*. E em outro momento, complementou: *por ser coordenadora de uma escola de poesia e escrever poesia eu não posso ficar restrita a escritores negros e escritoras negras; seja de qualquer área, eu tenho que conhecer para inclusive poder criticar* (DC 04/05/2018).

A obra desta escritora é fascinante e ao mesmo tempo desafiadora, pois a estrutura de seus poemas, o ritmo e as imagens, bem como a mistura de prosa e poema faz com que tivéssemos que reaprender a ler, tal a originalidade da sua proposta. À primeira vista, e em decorrência da citação de Ezra Pound em seu prefácio, faz crer que a escritora usa a estética literária moderna do imagismo¹⁰. Ao comentar tal impressão com a autora, ela diz que sua obra não deve estar apegada a um único conceito literário, pois *existe uma distância entre o que o poeta escreve e a recepção é aí que entra o leitor como processo de criação do poema* (DC 04/05/2018). Desta maneira Eliane também justifica porque seus poemas não possuem títulos para ela, *o nome já indica alguma coisa para o leitor e eu não quero isso, eu quero que ele se veja no poema, faça parte do poema* (idem).

Apesar de ser perceptível a preocupação estética da poetisa em seu livro "*E se alguém o pano*", alguns poemas são produzidos em razão do momento. Neste caso, Eliane Marques usa o blog *A voz pública* da poesia para divulgar trabalhos que muitas vezes acabam sendo produzidos em situação de luto ou violência. Segundo a escritora, estes poemas não tem uma preocupação estética, pois surgem da urgência de manifestação da artista diante de uma situação. É o caso do poema *Winnie - Mãe da Nação*, uma homenagem à Winnie Mandela, esposa de Nelson Mandela e ativista que

¹⁰ Os poetas desta escola valorizavam o modo de apresentação do objeto, mais do que o objeto em si, o ritmo em relação à métrica, o concreto em predomínio sobre o abstrato e a concisão como forma de eliminar o que julgavam excrescente ou "verborrágico". (Welcman, 2010)

veio a falecer neste ano de 2018, e de poemas sobre a atual intervenção militar no estado do Rio de Janeiro, ou sobre a morte da vereadora Marielle (poema Remadora da Maré) executada, cujo crime ainda não solucionado. Ronald Augusto, crítico de poesia, expressou a grandeza da obra da escritora no prefácio do livro *E se alguém o pano*:

Variedade de ritmos, palavras-montagem, étimos de extração de poéticas pan-africanas, coragem de usar uma dicção antinaturalista, um movimento contrário à brevidade enquanto padrão médio, o aproveitamento da música na prosa, o entendimento de que o ritmo se conquista pela interação de elementos materiais da linguagem (AUGUSTO, 2016, p.11).

Diferentemente das outras interlocutoras desta pesquisa, Eliane Marques não possui perfil em rede social; acredita que também não teria tempo para opera-las. No ano de 2017 foi possível acompanhar a poetisa por meio da página da Escola de Poesia. Participou da 63ª Feira do Livro em Porto Alegre em uma mesa do IIIº Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul com a temática Falando sobre Literaturas Africanas e suas Diásporas, em que apresentou uma literatura negra produzida não só no Brasil como em países africanos e nas diásporas africanas pelo mundo. Apresentou juntamente com o artista plástico Diego Dourado a temática Poesia do Incômodo, que abordava o diálogo entre poesia e artes visuais. Com a Escola de Poesia (da qual é coordenadora), na mesma Feira do Livro produziu uma série de homenagens ao escritor nigeriano Wole Soyinka, como a realização de um sarau com a leitura do poema Idanre do autor, a apresentação de um documentário produzido pela Escola de Poesia com o nome Wole Soyinka¹¹, - "A Forja de Ogun" e a leitura dramática do texto "A morte e o cavaleiro do rei". Em nossa conversa Eliane Marques avisou que já tem um novo projeto para o ano de 2019 e que este o título veio antes, chamará "*Poço das Marianas*".

Assim, ao relatar o perfil destas três poetisas temos mulheres distintas que passaram processos de racialização. Eliane Marques com a questão de que de que mãos negras não são somente para servir ao homem branco, Ana dos Santos com a academia enfatizando o cânone de maneira masculinizada e branca e Lilian com a crítica do racismo numa perspectiva do negro. Estas poetisas rompem com o lugar predeterminado na sociedade para a mulher negra. Suas obras refletem estes processos através do ponto de vista coletivo (COLLINS, 2012).

¹¹ Ganhador no Nobel de literatura no ano de 1986.

Apesar destas autoras frequentemente circularem por espaços literários diversos, tanto na capital do estado, quanto fora dela, vamos aqui destacar dois eventos de grande importância para a literatura negro-brasileira no Rio Grande do Sul.

3.5 Das experiências partilhadas: o contexto gaúcho de produção e divulgação das obras

Faz parte desta experiência partilhada e, portanto, da constituição de um ponto de vista coletivo, as dificuldades enfrentadas na publicação e circulação da produção artístico-literária destas escritoras, bem como as formas de superá-las no contexto gaúcho. Neste sentido, há algumas iniciativas que merecem ser destacadas e analisadas, pois representam uma forma coletiva de superação das barreiras do racismo presente no mercado editorial, visando a divulgação das obras dos escritores negros e das escritoras negras. Tratam-se do Encontro dos Escritores Negros do Rio Grande do Sul e do Projeto Coletânea Gaúcha Negras Palavras, ambos organizados pela Organização Não Governamental (ONG) Grupo Multiétnico de Empreendedores Sociais e o Sopapo Poético.

O Encontro dos Escritores Negros do Rio Grande do Sul é um dos espaços bem significativos na experiência das interlocutoras desta pesquisa. De diferentes maneiras, estiveram associadas a ele em algum momento. Ana dos Santos dedicou bastante tempo da entrevista que a fiz ao I Encontro dos Escritores Negros do Rio Grande do Sul¹². Para ela, entre outras questões, este evento ficou marcado pelo encontro com a escritora Veralinda Menezes (escritora, gaúcha residente na cidade do Rio de Janeiro) e Euzelina Doris (escritora mineira), contando as suas dificuldades de publicação editorial como escritoras negras, criando um espaço de identificação e reconhecimento de trajetórias semelhantes.

Já o II Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul¹³ contou com a participação de Lilian Rocha em uma mesa que sobre Escrita, Experiências e o Mercado Livreiro numa perspectiva Antirracista, entre outros autores negros. Ao final do evento

¹² Realizado em 2015 no centro Universitário Unilasalle na cidade de Canoas.

¹³ Acontecido no dia 3 de novembro de 2016, na Sala Oeste do Santander Cultural, integrando a programação da 62ª Feira do Livro de Porto Alegre. Novamente foi realizado pela ONG Grupo Multiétnico de Empreendedores Sociais, em parceria com a Universidade Luterana do Brasil e Câmara Rio-grandense do Livro

foi lido o Manifesto Oliveira Silveira, documento que apresenta as principais demandas dos escritores negros gaúchos tais como a construção de políticas que garantam o acesso e a valorização da produção literária negro riograndense.

No III Encontro dos Escritores Negros do Rio Grande do Sul, do qual participei como parte da pesquisa, foi possível ter contato com as três interlocutoras desta investigação. Na primeira mesa, intitulada Que produção é essa que está sendo chamada literatura negra?, Ana dos Santos abordou o que seria literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira. Como mencionado acima, a poetisa, como docente, partiu da experiência escolar, revendo a lei 10.639/2003 e ressaltando a importância do ensino da cultura negra nas escolas, espaço onde a história contada é do ponto de vista do homem branco. Na segunda mesa, Literaturas africanas e suas diásporas, Lilian Rocha e Eliane Marques dividiram-na com outros intelectuais negros gaúchos. Esta mesa trouxe algumas características desta literatura que trata do deslocamento forçado do povo negro, as questões de desterritorialização, perda de símbolos e a tentativa de apropriação de novos símbolos de raça, gênero e classe cruciais para o pertencimento. Da parte de Lilian Rocha foram citadas as questões sofridas pela mulher negra, tais como racismo, violência, solidão e separação da família e dos filhos, as perseguições dos senhores brancos e das senhoras. Em meio aos debates que seguiram as colocações o poeta Jorge Froés¹⁴ que estava na plateia deixa o registro que esta é a primeira mesa com equidade da feira do livro e do encontro dos escritores, pois está composta de quatro intelectuais, sendo dois homens e duas mulheres.

Foi importante para esta pesquisa a participação nestes eventos, pois reuniu, juntamente as três escritoras aqui mencionadas na composição da mesa dos dois dias de palestras, pude conhecer outras escritoras e escritores e as demandas que estes possuem, tais como a publicação e produção de seus trabalhos bem como a falta de políticas que garantam acessos para a produção literária negro rio-grandense. Desta forma, surgem as questões editoriais que muitas vezes não abarcam toda a questão financeira da obra publicada. O que vamos ver a seguir é o percurso realizado por estas poetisas para publicarem seus trabalhos.

O Coletivo Sopapo Poético, grupo que promove saraus literários e poéticos, foi criado em 2012 como uma forma de resistência cultural negra na capital gaúcha¹⁵,

¹⁴ Poeta pertencente ao grupo Sopapo Poético.

¹⁵ Sobre a experiência artístico-literária, Pâmela Amaro Fontoura, Julio Souto Salom, Ana Lúcia Liberato Tettamanzy apontam que “a convivência harmônica dessas duas figuras, o poeta e o sopapeiro, permite

inspirado pelo ativismo do poeta e intelectual Oliveira Silveira¹⁶. Lillian Rocha está entre os integrantes deste coletivo e é também organizadora do livro que reúne as poesias do grupo que leva o mesmo nome (sopapo poético), participa ativamente dos encontros que ocorrem na última terça de cada mês. A programação é sempre com a temática afrocentrada, metade livre e metade com convidados e convidadas. Destaca-se, também, a preocupação do grupo com a equidade de gênero, buscando contar com a participação de convidadas mulheres poetisas negras. Em 2017, foi realizado o Sopapinho voltado às crianças como uma forma de afirmação da sua identidade cultural, com a coordenação da poetisa Ana dos Santos, revelando a preocupação em trabalhar das questões identitárias e da representatividade negra desde a infância.

O Sopapo Poético, através da Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura, recebeu uma premiação de incentivo a Saraus Literários, assim surgiu o livro Pretessencia através da Editora Livretos, em que consta poemas de Lillian Rocha e de Ana dos Santos. Em março de 2018, mês da mulher, pude ver de perto o sarau do Sopapo com suas poetisas. O evento com o nome A Mulher Negra na Poesia - poetas do Sopapo Poético foi realizado no Teatro de Arena, centro de Porto Alegre. Com a presença das poetisas Carmem Silva, Célia Sorriso, Renata Mouray, Delma Gonçalves Mattos, Isabete Fagundes de Almeida, Fatima Regina Farias, Ana dos Santos, Lillian Rocha.

Desta vez o microfone não ficou aberto para outras poetisas, pois o evento foi feito de forma organizada, para as que estão envolvidas no coletivo e no livro Pretessencia pudessem ter uma noite só delas. Este sarau foi criado com uma estrutura de apresentação com começo, meio e fim. A poetisa e contadora de história Carmem Silva começou o evento desejando a benção das Yabás (termo usado para denominar as orixás femininas) e fez o público participar através de uma dinâmica, em que, por meio do simbolismo de um papel perpassava os percalços do que é ser mulher na sociedade.

refletir acerca de uma liminaridade entre o livro e outras formas de comunicação poética: singularmente o tambor, forte elemento de comunicação e identificação na diáspora africana. Ainda que aparentemente tensionadas pelo pensamento dualista da modernidade colonial, eles coexistem e interagem. Com os versos de Oliveira Silveira e os ritmos de Giba Giba, os símbolos poéticos e as sonoridades do tambor constroem uma estética afro-gaúcha específica, como ponto particular do Atlântico Negro. ” (FONTOURA, SALOM, TETTAMANZY, 2016, p.11)

¹⁶ Oliveira Silveira foi um dos fundadores do grupo Palmares, hoje Fundação Cultural Palmares, um dos responsáveis pela comemoração do dia 20 de novembro em homenagem a Zumbi dos Palmares. Fundou, também, o grupo Semba e da Associação Negra de Cultura em Porto Alegre. Além disto, participou da produção cultural gaúcha, compôs rodas de intelectuais e formadores de opinião. Faleceu em 2009.

Em seguida as poetisas cantaram a composição do grupo Fundo de quintal, “Um sorriso negro”, e assim abrindo os trabalhos para que as poetisas pudessem ler seus poemas.

Ana dos Santos leu um poema não publicado intitulado "*Dandara*" que fala de racismo e machismo vivenciados pela mulher negra; Lilian Rocha cantou seu poema "*Capitão do Mato*" e "*Golpes Sórdidos*". Foi uma noite de afirmação para a mulher negra, a compositora Célia Sorriso fez uma composição que criticava o famoso samba de Mario Lago gravado por Ataulfo Alves, Amélia, a autora traz na música um modelo de relação em que o companheiro faz juntamente com sua companheira as tarefas domésticas usando como parte do refrão *Amélia gostava era de fazer caridade*.

A temática destas mulheres em suas poesias, na maioria das vezes, aborda as questões de raça e de gênero. Apesar do número considerável de poetisas que se apresentaram neste evento e de suas obras em sua maioria já serem publicadas, suas participações em saraus de poesias serem expressivas elas seguem desconhecidas do grande público. O que nos leva a considerar o percurso editorial.

Ao conversar com Lilian Rocha sobre como se deu o processo editorial de suas obras, ela contou que não havia pensado em publicar suas obras até que ter contato com um aluno do seu curso de musicologia, que trabalhava em uma editora. Topou o desafio de compilar seus poemas e arcar com a metade do projeto. Assim nasceu o livro "*A Vida Pulsa*" em 2013, pela Editora Alternativa. Deste primeiro livro foram feitos quinhentos exemplares e vendidos em torno de trezentos. O seu segundo livro, lançado em 2016 pela mesma editora, vendeu duzentos e cinquenta dos trezentos exemplares da tiragem.

A divulgação do trabalho de Lilian, em boa parte, é feita através das mídias sociais. Em sua entrevista falei de como acompanhei suas atividades no ano de 2017 e como isso ajudou na pesquisa, Lilian responde que as mídias sociais são sim um facilitador de divulgação como escritora, possui aproximadamente quatro mil amigos em seu perfil. Assim foi reconhecida quando fez o programa Nação da TVE Gaúcha e disse-me que foi através da Rede Social Facebook que muitas pessoas entraram em contato para conhecer seu trabalho e pesquisar sua obra.

Para Ana dos Santos, a publicação veio através do prêmio do Ministério da Poesia na cidade do Porto em Portugal. Infelizmente ele ficou como uma publicação local e em formato e-book. Hoje Ana critica a obra e acha que ela não a contempla mais. Seus poemas são divulgados de forma mais independente, possui um blog chamado *Flor do Lácio* que mantém atualizado. Nele, além de poemas, a escritora mostra sua agenda de Saraus e alguns artigos sobre literatura, literatura negro-brasileira

e literatura erótica. Recentemente retirou seus poemas do blog com a intenção de publica-los até o final do ano. Ainda sem recursos para custear a obra, contou-me que estava *indo atrás destes recursos, sem eles não tenho como fazer uma publicação* (DC 02/05/2018).

No caso de Eliane Marques, a publicação veio por meio do financiamento particular da Escola de Poesia (*Après Coup*), que se mantém com recursos próprios de suas atividades e mantém obras de outros poetas que e tem publicações independentes como a revista Ovo da Ema e outras publicações. O livro está à venda no site da Escola de Poesia e em livrarias da cidade.

As dificuldades enfrentadas pelas interlocutoras desta pesquisa para a publicação e divulgação de seus trabalhos é também partilhada pelo conjunto de escritores negros, como aponta Oscar Henrique Cardoso, da ONG Multiétnico de Empreendedores Sociais, que, como comentamos anteriormente é responsável pelo Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul.

Os escritores negros gaúchos precisam de apoio, editais e concessão de linhas de crédito a fundo perdido para editar seus livros e assegurar uma maior participação em um mercado que invisibiliza a história e a cultura de origem africana. Se o apoio existir, a união de escritores com educadores, por exemplo, vai oportunizar o maior desenvolvimento da Lei Federal 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que determina o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos ensinos fundamental e médio no Brasil. A partir da realização de mais uma edição do Encontro de Escritores Negros do Rio Grande do Sul, vamos intensificar a articulação e a negociação com as entidades que representam o setor do livro e da literatura no Estado e também com o Legislativo. É momento de intensificar a inclusão e a cultura garante educação e soberania para uma sociedade. (CARDOSO, 2016)¹⁷

E foi justamente no intuito de superar este obstáculo que a referida ONG criou o Projeto Coletânea Negras Palavras Gaúchas, que teve a primeira edição em 2013 com o propósito de lançar novos autores e promover o conhecimento e a difusão da literatura negra gaúcha. Com esta iniciativa foi possível reunir 23 autores nos mais variados estilos literários. Em 2018 haverá uma nova edição do projeto, ampliado para quatro cidades do interior do estado: Caxias do Sul, Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana. O objetivo principal do projeto é incluir e lançar novos nomes na literatura afro-brasileira

¹⁷ Entrevista concedida para a rádio online <https://manawa.com.br/novo/>, disponível em <https://www.facebook.com/manawaradioweb/posts/672372292936824:0>.

no Rio Grande do Sul dando oportunidade àqueles que não teriam condições para custear a publicação de um livro próprio¹⁸.

Além das dificuldades com a questão editorial, os temas apresentados nos eventos que foram acompanhados trazem questões de reivindicações coletivas como: a diáspora, a literatura negro-brasileira e a mulher negra na poesia. Questões coletivas que influenciaram de forma particular as obras destas escritoras bem como as obras de outras intelectuais negras.

No próximo capítulo enfocarei algumas obras das interlocutoras desta pesquisa, utilizando como recurso heurístico para a compreensão do que Patricia Hill Collins chama de “ponto de vista coletivo”, a biografia de Lélia Gonzales. O intuito é o de indicar que os diferentes processos sofridos no percurso de vida destas poetisas os quais influenciaram suas obras de forma peculiar, também são em alguma medida compartilhados coletivamente.

¹⁸ O projeto faz parte de um subsídio para apoiar a promoção da Lei Federal 10.639/03 que determina o ensino da Cultura e da História Afro Brasileira nos currículos escolares. Serão aceitos poesia, conto, crônica e artigo científico. Podem participar autores a partir dos 16 anos.

4 Capítulo III: Do ponto de vista coletivo, as escrevivências de Lélías, Lilicas, Anas e Elianes

A pesquisa que deu origem a esta análise teve mudanças decorrer de seu percurso investigativo. Neste processo pude fazer a constatação de que as escrituras destas mulheres são consoantes à trajetória de vida de outra. Este capítulo visa mostrar que estas autoras rio-grandenses colocaram suas escrevivências em suas obras através de um ponto de vista coletivo (Collins, 2012), ou seja, não afirmarei que estas mulheres são iguais, uma categoria uníssona, mas sim “que passam pelas mesmas tensões que correspondem às diferentes respostas aos desafios” (COLLINS, 2012, p.112). Para tanto, analisarei as escrevivências destas poetisas em seus inscitos trazendo como inspiração o percurso biográfico da antropóloga Lélia Gonzales como forma de homenagear as mulheres negras e as experiências que as aproximam.

Assim, “mulher como sujeito social que se afirma não é uma realidade homogênea monolítica, mas vive e existe na concretude das diferenças sociais e culturais que as constituem” (AZEREDO, 1996, p.208). Ao traçar o perfil das escritoras no capítulo anterior, pode notar que se trata de mulheres únicas: são de diferentes formações profissionais, diferentes percursos de vida, que se entrecruzam além das poesias produzidas. Falar da obra destas escritoras é falar de questões que abarcam as experiências vividas das mulheres negras, registradas nas suas escrevivências.

Há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no status social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham diferenças essas raramente transcendidas. (hooks,197)

Este capítulo mostrará de que forma as experiências de vida das poetisas Lilian Rocha, Ana dos Santos e Eliane Marques foram inspiração em suas poesias e também de que forma a subjetivação de Lélia pode estar dentro desta produção literária.

Lélia Gonzales¹⁹ é um dos maiores nomes da militância do Movimento Social Negro no Brasil. Professora universitária, é referência internacional na luta pelos direitos da mulher e da população negra. Sua luta e intelectualidade deixaram textos e depoimentos que influenciaram a nova geração de pensadoras negras e pensadores negros que lutam por justiça social e igualdade de raça e de gênero.

Lélia Gonzales nasceu em Belo Horizonte e muito cedo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, foi historiadora e doutoranda em antropologia social, lecionou em várias universidades do Rio de Janeiro. Teve uma forte atuação política, foi assessora política do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e membro da comissão executiva nacional do Movimento Negro Unificado. Também participou como editora assistente na Editora Rio Sociedade Cultural Ltda. e foi colaboradora de várias revistas e jornais. Recebeu o título de uma das dez mulheres do ano pelo Conselho Nacional da Mulher Brasileira e indicada para o Ministério da Cultura em 1985. Foram dois os livros publicados por Lélia Gonzales, *Lugar de Negro*, em 1982, em coautoria com Carlos A. Hasenbalg e *Festas Populares*, em 1987. Além destas duas obras, Lélia Gonzales publicou diversos capítulos de livros e artigos em periódicos que influenciaram as questões de raça e gênero nacional e internacionalmente.

A vida de Lélia muitas vezes se entrecruzou com a sua militância. É ousado e arrisco dizer que Lélia fez de suas produções teóricas sua escrevivência e que agora de certa forma poderão estar relacionadas aos poemas que analisarei neste capítulo.

Apesar de nascida na cidade de Belo Horizonte, Lélia Gonzales muito cedo mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. O motivo da mudança foi o irmão mais velho de Lélia, Jaime que por seu talento e competência foi contratado para jogar no Flamengo. Temos neste ponto da história uma recorrência de lugares sociais, enquanto Jaime foi jogador do clube do Rio de Janeiro, Lélia foi trabalhar de babá para os dirigentes do clube, posição comum para meninas negras, o primeiro passo para no futuro tornarem-se domésticas.

[...] quando criança eu fui babá de um filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso e então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa (Pasquim, 1986, p.10)

¹⁹ Os fatos aqui mencionados da vida de Lélia Gonzales foram retirados da obra de Alex Ratts e Flávia Rios, referentes à coletânea *Retratos do Brasil Negro*.

Foi lendo este trecho da história de vida desta intelectual que evoquei a obra de Ana dos Santos. A escritora, em um de seus poemas, tematiza o papel de babá pelas mulheres negras, com o poema *As Babás de Branco*, em que mostra o contraste da cor do uniforme branco das babás com a cor negra de suas peles. Este poema foi publicado na antologia poética do *Sopapo Poético*.

As Babás de Branco

As babás pretas.
Cuidam bebês brancos.
As babás de branco
As babás são pretas
e usam uniformes brancos.
As babás de branco
Eu não brinco
Com as babás de branco,
A vida delas
Não é brincadeira!

(Ana dos Santos)

Diante deste poema, além da vida de Lélia, podemos encontrar a teoria da antropóloga que ao escrever o texto “A categoria político-cultural de amefricanidade” nos coloca a par dos espaços da mulher negra dentro da sociedade com discursos usados nas ciências e literatura, circunscrevendo o seu lugar social ao de servilismo. Portanto, para esta mulher os papéis sociais já definidos são: a empregada, a mulata desejante, a mãe preta, a faxineira, a cozinheira, a servente, a prostituta. (GONZALES, 1984).

Sendo Lélia a penúltima filha de uma família de dezoito filhos e com a ascensão social do irmão que pode dar melhores condições aos irmãos mais novos, Lélia pode estudar regularmente na infância e na juventude, conseguindo estudar no tradicional Colégio Pedro II na década de 1950. O processo dentro do sistema de ensino deixou Lélia consciente de suas consequências enquanto assimilação, o que a fez rejeitar sua condição de mulher negra. (RATTS, RIOS, 2010). A normatização do corpo e de comportamento através de sua formação como professora, o uso dos uniformes discretos com cores sóbrias e avesso à moda combinavam com a expectativa da postura docente (LOURO 2006). Mais tarde Lélia, juntamente com outros escritores, identificou este processo como de embranquecimento ou branqueamento, ou seja, a assimilação e a

aculturação sendo estes a ausência de memória e da história da África e de referências adequadas ao africano e ao negro no sistema educacional, incluindo a universidade.

É diante deste quadro de assimilação, aculturação e de apagamento de memória que Ana dos Santos apresenta o poema *Eu não esquecerei*, publicado em seu blog Flor do Lácio²⁰

EU NÃO ESQUECEREI

Eu lembro do dia
em que ouvi falar,
ou melhor,
eu li num livro,
quer dizer,
eu vi num programa...
Enfim,
eu não esquecerei
o dia em que tive
o conhecimento
da “Árvore do Esquecimento”.
Que nome horrível
para uma árvore!
Mas, o que era mais horrível
era a função
que essa árvore tinha:
fazer esquecer quem você foi um dia.
Não era a árvore da vida
era a árvore da morte!
O sujeito devia
caminhar em volta
da árvore
enquanto esquecia
que era um africano livre
que tinha um nome e sobrenome
que pertencia a uma família
e que teria que abandonar tudo
e começar uma nova vida.
Vida? Ou morte?
Eu não esquecerei
que naquela noite eu tive um sonho
ou um pesadelo?
Eu não esquecerei
eu me vi atravessando
o Atlântico Negro
O mar não era azul
era vermelho!

²⁰ anitamorango.blogspot.com, acesso em 24/02/2018

De sangue!
 Eu me batia em esqueletos
 crânios
 monstros marinhos
 que comiam gente.
 Eu consegui escapar
 e alcançar a costa africana.
 Eu não esquecerei
 desse dia
 que eu retornei
 à minha terra natal
 à minha Mãe África
 Eu lembro
 que estava diante
 da “Porta do Não Retorno”.
 Eu ria, eu gargalhava e eu dizia:
 “Eu retornei!”
 “Eu voltei!”
 “Eu não esquecerei!”
 Eu lembro
 daquele dia,
 daquele sonho:
 Eu em frente à árvore do esquecimento.
 Eu circulei a árvore
 de costas
 E fui lembrando
 que eu era feliz
 e eu sabia!
 Eu não queria
 embarcar naquele navio.
 Eu não esquecerei.
 Eu lembro de África
 antes da divisão,
 antes da espoliação,
 antes do assassinato do meu povo.
 Eu lembro.
 Eu não esquecerei
 que eu nasci em Wakanda
 e Wakanda é eterna
 em meu coração.
 Pisei firme naquele chão,
 naquele terreiro
 de consagração.
 Eu renasci dentro de uma flor!
 Eu não morri.
 Eu lembro.
 Eu não esquecerei.
 E não vou deixar que esqueçam!

Ana Dos Santos

Dentro destas questões de assimilação cultural e de branqueamento, podemos aqui trazer dois aspectos, um dos aspectos seria relacionado à estética aceita é a do branco europeu, ou seja, a preferência por um modelo branco de beleza; arte e cultura rejeitando aquilo que advinha da África e do negro. A insistência das relações raciais no Brasil de forma harmoniosa sem espaços para a cultura negra e a reprodução de estereótipos raciais e sexista encerrando com a ideia de ser o outro: Branco, europeu, colonizador, ocidental. (RATTS, RIOS, 2010). A crescente deste poema em que num primeiro momento trata do apagamento de um povo e ao fim traz a resistência deste mesmo povo, podem ser consequências dos processos de subjetivação do sujeito que é moldado pelos efeitos dos discursos, instituições e práticas, mas que enquanto sujeito-em-processo experimenta a si mesmo e que consciente ou inconscientemente se ressignifica (BRAH, 2006).

Na consulta feita para a bibliografia de Lélia Gonzales, conclui-se que sua aceitação em escolas religiosas para o exercício da docência dava-se pela mescla de conformidade com os padrões de comportamento e por sobressair nos estudos, reflexões e argumentações. Desta maneira então, podemos entrar mais claramente com a questão estética, pois, Lélia possui em seu acervo de fotos, retratos usando perucas e cabelos puxados e alisados. Nas relações raciais brasileiras o cabelo indica a que raça pertence o sujeito, sofrendo uma desqualificação social sob a exigência de controlarem seus cabelos crespos.

O cara da um jeito assim...passa um creme rinse, fica mais claro, dá uma esticada no cabelo, tudo bem... E eu não quero dizer que eu não passei por isso, porque eu usava peruca, esticava o cabelo, gostava de andar vestida como uma *lady*.(PEREIRA e HOLLANDA, 1979, p.203).

Através desta vivência de Lélia e talvez de outras mulheres negras, pois ainda estamos ancorados no padrão europeu de beleza, portanto o modelo de cabelo cuidado e bonito deve ser o liso, vamos trazer aqui o poema de Lilian Rose Rocha que trata desta questão. Neste poema, a poetisa enaltece os cabelos crespos como símbolo de negritude e ancestralidade.

Pixaim

Quem tem medo
 Do meu cabelo pixaim?
 Ele não espeta
 Não tem mau cheiro
 Simplesmente
 Eleva-se ao céu
 Feito seta
 Tem direção certa
 Símbolo da minha negritude.
 Quem tem medo
 Do meu cabelo Pixaim?
 Assim, assim
 Também deve ter medo
 Do meu lugar alto,
 Do suingue do meu corpo,
 Da minha ancestralidade.
 Quem tem medo
 Do meu cabelo pixaim?
 Não fique assim...
 Sou eu quem carrego minha coroa
 Cor de ébano... sim
 E não me venha ditar regras
 De apresentação
 O meu cabelo é a minha libertação

(Lilian Rocha)

O que podemos observar neste poema é a questão da afirmação da identidade negra, através de alta autoestima com os traços marcadores deste povo. Para Nilma Lino Gomes o racismo faz com que estes processos de identidade fiquem comprometidos, pois coloca as marcas deste indivíduo como negativas (2012). Para se reconhecer com uma identidade negra é preciso responder de forma afirmativa estabelecendo um sentido de pertencimento, tal como a escritora fez em seu poema.

É possível aqui colocar os conceitos de identidades de Castells; dos três conceitos abordados pelo autor, cabe aqui trabalharmos o de identidade de resistência, pois, esta é formada por atores sociais que se encontram em situações e posições já rotuladas construindo resistências para sobreviver à lógica da dominação (CASTELLS,1998). Nas questões de afirmação de identidade podemos aqui mencionar Cuti (2010), que nos lembra do movimento de afirmação identitária das camisetas com estampas 100% negro que parte de uma necessidade coletiva para dar um basta no complexo de inferioridade imposto pelo padrão eurocêntrico.

Quando o Ilê Ayê celebra a estética feminina, dá o nome: Noite da Beleza Negra. Quando um grupo de pesquisadores acadêmicos resolve dizer um basta à domesticação intelectual das universidades, criam o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Os artistas do palco também não perdem tempo com palavra forjada por brancos dentro dos muros das universidades, e criam o Fórum de Performance Negra. São iniciativas que demonstram que estamos diante de uma luta não apenas terminológica, mas ideológica. (CUTI, 2010, p.14)

Ao longo dos anos Lélia passou por um crescimento pessoal, grande parte devido a sua formação intelectual e a afirmação de raça e de gênero, pode-se dizer que ela passou por um “processo de corporificação da consciência negra” (RATTS; RIOS, 2010, p.69). Seu corpo marcava uma nova pessoa.

Lélia tratou em uma de suas falas denominada “Racismo e sexismo na cultura brasileira” sobre como se dá o processo daquilo que chamou de racismo à brasileiro ou por denegação. Tratando as questões de consciência e memória, em que a consciência seria o lugar do desconhecimento, encobrimento, da alienação e até de saber, onde o discurso ideológico se instala. A memória consideramos o não saber que conhece lugar que restituem uma história que não foi escrita, local de emergência da verdade, da verdade que se estrutura com a ficção. Consciência que exclui o que a memória inclui. Na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa no discurso dominante, ou nos efeitos deste discurso, ocultando memória, diante da imposição do que a consciência afirma como verdade.

“No que se trata da criolada, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena, e apela pra tudo nesse sentido”. (GONZALES, 1983, p.226). Este seria o processo histórico de formação de nossa sociedade o qual Gilberto Freyre chamou de democracia racial e que Lélia usa o termo psicanalítico de denegação.

E culminando pinta este orgulho besta de dizer que a gente é uma democracia racial. Só que quando a negrada diz que não é, caem de pau em cima da gente, xingando a gente de racista. Contraditório, né? Na verdade, para além de outras razões, reagem dessa forma porque a gente põe o dedo na ferida deles, a gente diz que o rei tá pelado. E o corpo do rei é preto e o rei é escravo. (GONZALEZ, 1983, p. 238)

O poema *Desprezo* destaca estas violências raciais que são realidade na vida das mulheres negras. Assim mais uma vez Lilian Rocha nos traz este poema como forma de reação às situações de violência racial no Brasil.

Desprezo

Respiro
Silencio
E engulo
O soco no estômago
Da frase maldita
Que gritaste
Ao meu ouvido
Porém a dor é tanta
Que vomito
Com rancor
Tudo aquilo
Que foi dito
E sorrio
Com desprezo
Pois o teu olhar
De espanto
É o meu prêmio favorito
(Lilian Rocha)

A consciência (lugar do desconhecimento, encobrimento) e a memória (consideramos o não saber que conhece lugar que restituem uma história não escrita) são a base para o que Lélia chamou de racismo à brasileira, ou seja, denegação. Mostrando assim que não vivemos em uma democracia racial, tal como poema de Lilian. Tratando da violência velada sofrida buscamos estes processos de preconceito de raça e gênero.

O preconceito racial e o de gênero são fatores preponderantes para avaliação prévia de alguém. Quando não dispomos de dados reais, advindos de fonte

fidedigna, acerca da outra pessoa, ou quando esses dados são muito escassos, apelamos para o nosso arquivo de memória, onde estão guardados também os nossos preconceitos. A consulta relâmpago que a eles fazemos nos dá um resultado que acende nossos sentimentos e instiga nossas atitudes na direção da identidade ou na de seu inverso (aversão, desejo de afastamento, aumento do medo ao primeiro contato etc.). (CUTI, 2010, p.12)

Diante de todos os processos de construção de identidade e de sujeito que Lélia sofreu em sua vida, em que os caminhos da intelectualidade estavam fortemente ligados à sua vida e militância, resgatarei uma passagem que foi o divisor de águas em sua vida.

Por conta das críticas que recebia em seus ciclos de convivência, por já ter tido um casamento com um homem branco (espanhol da qual adotou o nome Gonzales que deu total apoio nas questões raciais de Lélia e que veio a suicidar-se) e depois ser casada com um mulato (assim, definido por Lélia, pois seu pai era branco e sua mãe era negra) que tinha uma forte ideologia de classe, ou seja, enquanto Lélia estava em busca de sua identidade, seu marido queria fugir desta busca. Então como disse a própria “minha cabeça dançou” (2010, p.59) e assim, foi parar no psicanalista.

Foi a partir da análise que a intelectual foi, como diz, “transar seu povo mesmo”; ou seja, Lélia foi fazer parte de manifestações culturais que a cultura ocidental coloca como primitiva como candomblé, buscou, pela psicanálise, suas raízes. (PEREIRA E HOLLANDA, 1979).

Meu lance com a psicanálise foi muito interessante, a psicanálise me chamou atenção para meus próprios mecanismos de racialização, de esquecimento, de recalçamento etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou neste processo de descobrimento da minha negritude. (O PASQUIM, 1986, p.10)

Diante desta questão, evoco a poetisa Eliane Marques que faz parte da Escola de Psicanálise e Poesia de Porto Alegre. A poetisa traz em sua obra certa densidade sobre as questões raciais. Uma delas está na referência que um de seus poemas faz sobre o poema de Irene do Céu, conhecido poema de Manuel Bandeira presente no livro Estrela da Manhã, de 1936. Vale aqui a leitura desta obra para que depois compara-lo ao poema de Eliane Marques.

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença
(Manuel Bandeira).

É importante apontar como o discurso literário pode evidenciar racismos e os mecanismos para legitimar a desigualdade e marginalização do negro (NASCIMENTO, CHAVES, 2014). Na análise deste poema tivemos encontro com artigo de Jarbas Vargas Nascimento e Ramon Silva Chaves²¹ que trabalhou com o discurso atópico, ou seja, aquele que fica à margem da sociedade, manifesta suas ações em outros discursos e que de forma alguma é assumido pelo seu enunciador. Muitas vezes, é na construção desta forma de discurso que o racismo opera na literatura de forma subjetiva.

O discurso atópico opera as escondidas, funciona como um dos organizadores do discurso define o estatuto que o enunciador se confere a si mesmo, para enunciar seu discurso, promove o desprestígio do negro e, além do mais age como mobilizador da influência sobre o coenunciador. (Nascimento, Chaves, 2014, p.354)

Eliane Marques discutirá as questões que Lélia enunciou após o encontro com a psicanálise; um dos conceitos que é a nomeação do sujeito, ou seja, o uso de determinados termos para marcar o indivíduo. Lembrei a "Irene" de Manuel Bandeira, a mulher boa e resiliente.

Se mancenilhas na língua
Norma de pedra e sabão
Se às prontas tortilhas

²¹ No artigo "Racismo como unidade atópica no discurso poético *Irene do Céu* de Manuel Bandeira, escrito no Modernismo literário brasileiro" os autores lembram que o autor do poema produziu este discurso durante o Movimento Modernista que na época nasceu com a finalidade de resgatar "nossa cultura e consequentemente ruptura com modelos importados da Europa, a fim de marcar posição e princípios do rompimento com o passado. A todo custo queria valorizar nossa cultura nacional, valorizar a cultura brasileira em suas diferentes manifestações e, de modo particular, evidenciar o índio, o negro e a língua em uso, na tentativa de redefinir a história e a literatura no Brasil." (NASCIMENTO, CHAVES, 2014 p.355).

Dois pulos
Sobre as patas do boi

Se o sôngoro sabe
Se contra o couro
Querela a savana

E se irene não-à-lei
E se irene não- sinhô
E se irene não-tão-preta
E nem- tão- boa
E se ainda aos piores mortos
O amém das moças

E se nã- não- iá-iá
E se tome
E se ainda o amontoado atamanca

E se alguém o pano

Disfarça-lo com um manto
A animália-dilúvio
A cruz-escudo
A rotina dos túmulos pela úmida vez
(Eliane Marques)

Depois da leitura deste poema, que em seus versos traz a referência ao poema de Manoel Bandeira, podemos retomar Luís Cuti em seu desvendamento da literatura brasileira no qual critica veementemente o Movimento Modernista Brasileiro, considerado um dos marcos literários do país. A crítica de Cuti refere-se a que os autores influenciados por estes movimentos se apropriaram das manifestações culturais e folclóricas da cultura negra sem considerar seus conflitos.

Assim, o Modernismo aproveitou termos e noções do folclore para compor obras de arte, tanto na pintura quanto na literatura, passando ao largo das inúmeras situações de conflito vividas pelos agentes da manifestação cultural utilizada. Idealizaram as populações pobres por meio de um processo ideológico de infantilização, caracterizando-as como ingênuas e conformadas. Folclorizaram-se as manifestações de origem africana. O candomblé, sendo uma religião, passou e ainda passa por isso. Folclorizar é retirar o conteúdo vivencial que, por ser conteúdo humano, traz conflitos. É esvaziar a possível carga transformadora que determinada área da cultura possa ter. A ingenuidade acaba sendo produzida para operar o efeito de conformismo ante os desafios da vida. Assim, há autores que aportam para a vertente negra da literatura brasileira toda sorte de plumas, paetês e guirlandas literárias. Dirão poesia para o deleite. Podemos entender que, na verdade, se trata de literatura para alienar, para entorpecer a visão diante das contradições e dos conflitos sociais brasileiros. (CUTI, 2010, p.37)

Assim a poetisa nos oferece a leitura de outro poema que trata do lugar da mulher negra nesta sociedade: tratada como mercadoria. Este relato poético mostra a desumanização da mulher negra, uma condição pertencente ao outro e não a si. Contando a fuga da escrava *justina* pertencente à dona da fazenda, reforçando assim a situação de submissão e subordinação da mulher negra. Eliane Marques desafia este lugar de subalternidade com a frase “talvez ainda atenda”, destacando aqui que *justina* não está mais presa a esta condição e foi definitivamente embora.

Mil réis a quem (com vida) aos seus donos (família brochado) braço da fazenda.
A senhora sem fome e fortes dores no peito.

A negrinha na primeira noite de abril- em sua posse o lampião a querosene da cozinha.
Ossuda alta a cabeça guirlanda.
A boca um pote de terra.
Ainda com anjos maometanos e outras bobagens.
Atrevida. Desconhece dinheiro.

Pelo nome de *justina* que talvez ainda atenda.
(Eliane Marques)

Este poema vem nos mostrar a fuga da escrava Justina que não quis permanecer na posição imposta por seus donos de subordinação. Aqui também temos a relação da mulher no que se refere aos estereótipos de benevolência e passividade, pois, o anúncio refere-se à *justina* como atrevida. Podemos também observar a desumanização causada pela escravidão, afinal, o fato de Justina ter realizado sua fuga, ou seja, a palavra fuga remete a uma situação de cárcere. Arrisco aqui a dizer que Justina poderia ser animalizada com a frase: *A senhora sem fome e fortes dores no peito*. O que nos deixa entender na construção do poema é que apesar de viver em cárcere e ser atrevida sua dona sentia sua falta.

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia da representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza anomalística e primitiva. (HOOKS, 1995, p.468)

Assim, segundo os percursos intelectuais que reforçam estas questões, em outro texto bell hooks reafirma a situação diferenciada das mulheres negras dentro da sociedade. Enquanto infernizadas no trabalho, suportam assim, as opressões machistas, racistas e classistas. Grupo que não foi inclinado ou educado para assumir o papel de dominação, pois a elas não é permitido um *outro* não institucionalizado que se possa oprimir. (HOOKS, 2015)

Durante a vida da ativista e militante Lélia Gonzales houve um grande número de deslocamentos de espaços sociais e viagens nacionais e internacionais (o que se denomina Atlântico Negro o espaço triangular entre Américas, Caribe, Europa e Áfricas), fizeram parte desta mulher negra diaspórica e inquieta.

Uma mulher fora de lugar, ou mais precisamente, fora do lugar social destinado à mulher negra nas sociedades americanas de passado escravista: o da escravizada, subalternizada, trabalhadora inferiorizada. Lélia não somente rompeu com este lugar, mas lutou para que as mulheres negras fizessem o mesmo.” (RATTS, RIOS, 2010, p.145)

Lélia Gonzales é referência hoje no que se trata dos estudos de raça e gênero nacional e internacionalmente. Sua militância, além de ser marcada por ser uma mulher negra, também foi reconhecida por sua contribuição para a teoria feminista. Circulou da elite à favela, entre classes dominantes, média e alta. Chamou as mulheres negras, estadunidenses, caribenhas, brasileiras de irmãs. Por esta forte característica de sororidade que resgatarei um poema de Ana dos Santos, que parte de uma experiência pessoal.

Para Ana dos Santos esta performance foi muito importante pois, além de questionar o papel da mulher na sociedade e ter o simbolismo do sapato de salto como inserção no mercado de trabalho, como se refere a poetisa: *um pé como a sociedade quer e o outro quer se libertar. Várias mulheres diferentes participaram: havia professoras, atrizes, evangélicas, todas elas no mesmo ato artístico que simbolicamente discutia o patriarcado.* (DC, 02/05/2018). Nas três horas de duração da performance em que percorreu o Parque Farroupilha em Porto Alegre, Ana sentiu esta sororidade como Lélia Gonzales. Com um sapato na mão e outro no pé, Ana contou que *um filme passou*

em minha cabeça: o companheiro, o trabalho, a sociedade, a maternidade. Após o ato, escreveu o poema "Numa tarde de outono, um grupo de mulheres caminha..."

Numa tarde de outono, um grupo de mulheres caminha...
 de vestidos e saias que tingem a paisagem de vermelho, rosa, bordô...
 Caminham calçando apenas um pé
 de seus sapatos de salto alto. O outro carregam nas mãos.
 O que está faltando nesse caminhar reticente?
 Estão com frio?
 "Não, o machismo é muito mais frio!"
 Os pés descalços pisam em pedras, buracos, sujeira...
 Pés delicados que tentam se equilibrar.
 Querem ajuda?
 "Não, somos mulheres fortes, sobreviventes do nosso destino!"
 Alguns transeuntes olham com atenção, outros com admiração,
 Mas muitos não conseguem entender o que aquelas mulheres querem
 O que querem afinal?
 Por que não falam?
 "O silêncio diz muitas coisas, mas muitos estão surdos!"
 Poucos conseguem ouvir as lágrimas que choram por dentro...
 Nossas faces maquiadas para a guerra que lutamos dia-a-dia
 A guerra pela paz, pelo respeito, pelo amor
 Nosso perfume de menina, de mulher, de mãe
 Nossas mãos que lidam com tantas artes domésticas
 Nossos braços que carregam crianças, que abraçam amigos, parentes, tarefas
 Aos poucos anoitece e elas entram no parque
 Descalçam o salto e o penduram junto com os outros
 Alívio, satisfação, felicidade,
 Algumas de mãos dadas, abraçadas, vão lavar os pés no espelho d'água
 Na noite de outono, uma revolução silenciosa aconteceu e ninguém viu!
 (Ana dos Santos)

Para poder aprofundar a sororidade retratada no poema de Ana dos Santos enfatizamos também o fato de que a luta por igualdade de gênero deve, além de levar em conta as questões de classe, considerar as questões de raça, para só assim ser possível falar em equidade. Cabe novamente resgatar bell hooks, que no texto *Vivendo de Amor*, traz a importante questão da solidão da mulher negra e da importância da afetividade entre estas mulheres, criando condições que vão além da sobrevivência diária, um novo aprendizado já que a mulher negra foi condicionada a acreditar que as questões do afeto e do amor não eram importantes. (HOOKS, 2015).

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente

tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2015, p. 7)

Considerando que a luta pela igualdade de gênero deve considerar as questões de raça e classe, trouxemos as escrituras destas autoras que relatam experiências de outras mulheres negras. Usamos aqui seus poemas para relatar as experiências de racismo e sexismos que as aproximam em seus diferentes percursos de vida e que aqui foram relatadas em sua arte. A antropóloga Lélia Gonzales é referência na luta pelos direitos da mulher e sua obra recorre à fixidez do local de subalternidade da mulher negra. É o caso do poema de Ana dos Santos “*As babás de branco*”. O processo de assimilação cultural, embranquecimento, ausência de memória da história da África, assim como o conceito criado por Lélia de racismo por denegação (contraponto do conceito de democracia racial criado por Gilberto Freyre), foram mostrados neste capítulo nos poemas “*Desprezo*” de Lilian Rose Rocha e “*A Árvore do Esquecimento*” de Ana dos Santos. As questões afirmação e negritude diante da estética branca europeia e que Lélia também relata em sua biografia ter passado por este processo, foi trazida pelo poema Pixaim de Lélia Gonzalez. À medida que Lélia entedia os processos de racialização e sexismo que pelo qual passava foi se resignificando enquanto sujeito. Foi a partir da psicanálise que a antropóloga afirmou finalmente “transar seu povo” (GONZALEZ, 1980, p.10), assim a contribuição da poetisa Eliane Marques foi importante, pois, com seus poemas podemos notar o discurso atópico (NASCIMENTO, CHAVES, 2014) para o desprestígio do negro e também as questões de nomeação do sujeito, como a mulher negra que pertence sempre a outro e não a si mesma, o poema que fala de Justina rompe com este lugar fixo para esta mulher. Durante sua militância e seus encontros com mulheres sempre fez questão de chamar todas de irmãs, assim, como o poema de Ana dos Santos “*Numa tarde de outono um grupo de mulheres caminha*”, que trata da sororidade feminina.

Podemos neste capítulo unir todas as questões descritas acima através da escrivências destas autoras, suas obras refletem a subjetividade de experiências coletivas das mulheres negras. Desta forma pode-se afirmar que a questão do ponto de vista coletivo, conceito de Patrícia Hill Collins, que mostra que existem processos e tensões semelhantes de enfrentamento destas mulheres, pois, segundo a autora, de

alguma forma todas foram afetadas pelas questões de raça, gênero e classe, mas o elemento que as difere é a forma como estas mulheres reagem a estes desafios. (Collins, 2014).

5 Considerações finais

O ponto de partida para esta pesquisa foi a curiosidade gerada a partir do não conhecimento de quem são as escritoras negras rio-grandenses. Esta questão foi aprofundada depois da leitura do blog nonada “*Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas*” da jornalista Pasko.

No primeiro capítulo deste trabalho procurei construir o método de investigação, para isso, além do recurso da reportagem já citada, foi necessária a busca do assunto nos sites de divulgação científica Capes e Scielo. Surgiram, assim, as questões que orientaram esta investigação: as articulações de racismo e sexismo vigentes no contexto gaúcho e a obra de poetisas negras gaúchas. A construção deste método foi importante para que nos próximos capítulos pudesse relacionar estas questões dentro da obra literária destas escritoras.

Esta pesquisa optou em trabalhar com três poetisas: Ana dos Santos, Lilian Rose Rocha e Eliane Marques. Foi muito importante mergulhar em seu universo e ir a seu encontro em eventos literários de que elas participaram. Como pesquisadora, foi muito relevante à coleta de material de campo aqui apresentado. Os eventos que as mesmas participam para assim divulgarem seus trabalhos (Encontro de Escritores Negros, Sarau do Sopapo Poético, FestiPoa Literária), foram enriquecedores para mim como pesquisadora e para este trabalho, pois, foram eventos que focaram na autoria negra desconhecida do grande público. Esta invisibilidade foi mostrada na digressão que fiz acima contando a busca frustrada pela obra da autora brasileira Conceição Evaristo na Feira do Livro da cidade de Porto Alegre, as bancas do evento não a conheciam mesmo sendo ela parte da atração da feira.

Assim descrevemos, o lugar da mulher negra na sociedade, através de papéis fixos e já predefinidos que tem em relevância sempre a servidão, submissão e erotização. (GONZALES, 1984). Estes papéis, como vimos, foram cristalizados na obra de Gilberto Freyre “Casa Grande & Senzala”. Portanto, a partir destes conceitos já definidos para esta mulher, bell hooks nos mostra que o trabalho intelectual acaba sendo pouco valorizado, pois não condiz com a imagem já cristalizada da mulher negra. (HOOKS, 1995). O que este trabalho mostra é justamente o rompimento desta imagem já cristalizada. Raça, classe e gênero são categorias de opressão que se entrecruzam (BRAH, 2006) e que mostramos aqui ajudaram a definir a literatura brasileira, visto que

o homem ou a mulher negra sempre foi tema e não autoria nesta literatura (DUARTE, 2013). Foi a constatação da falta de espaço no cânone literário brasileiro que nos levou ao segundo capítulo.

Foi necessário explicar que na academia temos um conceito concorrente (esta palavra aqui usava implica no sentido de andar paralelo) para a além da literatura canônica. A literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) ou afrobrasileira (DUARTE, 2008) conceito em construção criado justamente pela falta de espaço que a autoria negra tem na literatura nacional, observando que o negro sempre foi tema e não autoria (DUARTE, 2013) e que contribui para refletir sobre as obras das escritoras aqui mencionadas como parte da literatura nacional. Para finalizar utilizei o conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo (2013), para que pudessem entender que as vivências destas autoras, enquanto mulheres negras estão latentes em suas obras. Sendo assim foi importante que não cair na armadilha de que estas mulheres são uma categoria única e igual, portanto, a socióloga Patricia Hill Collins contribuiu para apontar que as escrevivências notadas nas escrituras destas poetisas fazem parte de um ponto de vista coletivo.

Por fim no terceiro capítulo desta pesquisa pude, através do contato com as obras destas poetisas e da biografia de Lélia Gonzales, entrecruzar os caminhos dos poemas com a vida e teoria da antropóloga. O experimento do terceiro capítulo sacramenta a questão do ponto de vista coletivo da socióloga Patricia Hill Collins através da escrevivência presente nos poemas destas escritoras. Estas autoras passaram por experiências no processo de racialização e que reagiram de maneiras diferentes a estes processos. Portanto o objetivo inicial desta pesquisa de analisar as intersecções entre racismo e sexismo dentro do trabalho destas escritoras acabou me encaminhando para a teia de processos que estas mulheres enfrentam.

Do ponto de vista para a pesquisa literária do estado do Rio Grande do Sul esta pesquisa mostra muita relevância, pois, além de saber quais são as autoras e poetisas que contemplam a literatura negro-rio-grandense, podemos também notar o movimento literário em que as mesmas transitam, movimentos estes que contemplam o Encontro de Escritores Negros com parceria da ONG Grupo Multiétnico de Empreendedores Sociais o Sarau do Sopapo Poético (ponto de encontro da poesia negra em Porto Alegre) entre outros.

É imperativo que possamos conhecer os autores negros e as autoras negras rio-grandenses, não somente as poetisas e os poetas, mas também seus prosadores, suas

prosadoras, seus e suas romancistas e seus e suas ensaístas, tornando mais relevante ainda o trabalho de levar este conhecimento para a sala de aula por meio da lei 10.639 de 2003, que possibilitou a inclusão da cultura africana e afro brasileira educação básica modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Esta pesquisa favorece o ensino para as relações étnico raciais em sala de aula, pois, resgata a contribuição do povo negro das áreas culturais e cultura negro brasileira como parte da formação da sociedade brasileira (BRASIL, 2003), através do ensino da Literatura.

Referências bibliográficas

AUGUSTO, Ronald, **O estilo de revanche em “e se alguém o pano”**, p.11-15. In “ e se alguém o pano”, Après Coup- Escola de Poesia, 2015.

AZERÊDO, Sandra **Teorizando sobre gênero e relações raciais**. Estudos feministas 203 a 2016 ano 2 216 22 semestres 94. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16103/14647>

BONETTI, Alinne de Lima, **Gênero, poder e feminismos: as arapiracas pernambucanas e os sentidos de gênero da política feminista**. In labrys, études féministes/ estudos feministas – no. 20-21 - juillet/décembre 2011 - janvier / juin 2012 julho /dezembro 2011 -janeiro /junho 2012. Disponível em <
<https://www.labrys.net.br/labrys20/sumariogeral.htm>>. Acesso em 10 de out. 2018.

BONETTI, Alinne de Lima e FONTOURA, Natália. **Convenções de gênero em transição no Brasil? Uma análise sobre os dados da PNAD 2007**. In CASTRO, J. A. e RIBEIRO, J.A. (orgs). Situação social brasileira: 2007. Brasília: IPEA, 2009. p. 65-80.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**, Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: p.329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acessado em 15 de ago. 2018.

BRASIL. **Lei 10.369**. De 09 de Janeiro de 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acessado em: 04 de set. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. av.** vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008. Acessado em: 08 de jul. 2018.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade in: _____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CHAVES, NASCIMENTO, Ramon Silva Jarbas Vargas, **O racismo como unidade atópica no discurso poético irene no céu de Manuel bandeira, escrito no modernismo literário brasileiro** Revista da ABPN • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 351-364. Disponível: <file:///C:/Users/Administrador2/Downloads/166-1-322-1-10-20170221.pdf>. Acessado em 30 jun. 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Rasgos distintos del pensamiento feminista negro. In JABARDO**, Mercedes (ed.). *Feminismos Negros: una antología*. Madrid: Traficante de sueños. 2012 p.99-131. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Feminismos%20negros-TdS.pdf> Acessado em: 05 ago. 2018.

_____. **“Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e políticas de empoderamento”** Disponível em: <https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/black-feminist-thought-by-patricia-hill-collins.pdf>. Acessado em: 12 jul. 2018.

_____. **Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016*. p.99-127. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acessado em: 26 de jul. 2018.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. *Cadernos Pagu* n°6-7 1996: pp.35-50. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860/1981>. Acessado em: 13 jun. 2018.

CUTI, Luis. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010

DALCASTAGNÈ, Regina **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004** online. Disponível em p.14- 71 http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7380/1/ARTIGO_PersonagemRomanceBrasil.pdf. Acessado em: 25 ago. 2018

DUARTE, Eduardo de Assis Duarte. **“Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n°. 31, Brasília, janeiro-junho, p.11-23. (2008)

_____. **O negro na literatura brasileira The black in Brazilian literature Navegações Ensaios** v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013 Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/16787/10936>. Acessado em: 25 jul. 2018.

_____. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acessado em 9 jun. 2018.

EVARISTO, Conceição **“Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In Mulheres no Mundo”** – Etnia, Marginalidade e Diáspora, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

_____. **Depoimento proferido no V Colóquio Mulheres em Letras**, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013.

_____. Entrevista: **“minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”** Juliana Domingos de Lima 26 maio 2017 (atualizado 02/Jul 16h27) Em entrevista ao ‘Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acessado em 11 jul. 2018.

FIGUEREDO, Ângela. **Somente um ponto de vista**. Cadernos Pagu(51), 2017:e175117 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300509. Acessado em: 27 ago. 2018.

FONTOURA, Salom Tettamanzy, AMARO Pamela, SOUTO Julio, LIBERATO Ana Julia. Sopapo **Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 49, p. 153-181, set./dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000300153&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 28 jun. 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GONZALES, Lélia **“Racismo e sexíssimo na cultura brasileira”** . In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

_____. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82. disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lesia-gonzales1.pdf>. Acessado em: 8 jun. 2018.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Como trabalhar com "raça" em sociologia**, Universidade de São Paulo Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>. Acessado em 12 jun. 2018.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 07-41. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acessado em 15 jul. 2018.

HOOKS bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acessado em 30 ago. 2018.

_____. **Intelectuais negras estudos feministas** p. 464-478 N 2/95
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>
 MARQUES, Eliane. **“e se alguém o pano”** Porto Alegre. Após Coup- Escola de Poesia, 2015.

PASKO, Priscila. **Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas**. Nonada jornalismo e travessia. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2017/03/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas/>. Acessado em 30 jun. 2018.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. (Trad. Olga Svary) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295>. Acessado em 06 ago. 2018.

RATTS Alex, RIOS Flavia, **Lélia Gonzales, Retratos do Brasil Negro**, São Paulo, Selo Negro, 2010.

ROCHA, Lilian Rose Marques, **da voz e poesia: a linguagem poética da biodanza** Porto Alegre 2005 Disponível em: <http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/bv/lilian.pdf>. Acessado em 12 jun. 2018.

_____. **“Negra Soul”**. Porto Alegre, Alternativa 2016

_____. (et. Al)-**Preteſſencia**, Sopapo Poético. Libretos, 2016.

SILVA. Fernanda **Felisberto da. Escrivências nas diáſporas: escritoras negras, editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou, Zora Neale hurtson**. 2011. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5717 Acessado em 30 jun. 2018.

SODRE Muniz, sobre a identidade brasileira ic revista científica e de informacion y comunicatyon n.7 p.321 a 330,2010. Disponível em: <http://icjournal-ojs.org/index.php/IC-Journal/article/view/225/222>. Acessado em 12 jun. 2018.

VÍCTORA CG. **Metodologias qualitativas e quantitativas**. In: VICTORA CG, KNAUTH DR, HASSEN MNA. Pesquisa qualitativa em saúde- uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000. p.33-44.